

Mare Liberum Mare Liberum

DEZEMBRO 1997 • NÚMERO 14

REVISTA DE HISTÓRIA DOS MARES

ISSN: 0871-7788

REVIEW OF HISTORY OF THE SEAS

REVISTA DE HISTORIA DE LOS MARES

REVUE D'HISTOIRE DES OCEANS

RIVISTA DI STORIA DEI MARI

ZEITSCHRIFT FÜR DIE GESCHICHTE DER MEERE

TERESA REBELO DA SILVA

A historiografia dos Descobrimentos: 1800-1850

RODERICH PTAK

Manipulating History

Modern Mainland Chinese Images of Early Qing Macau

JOÃO SILVA DE SOUSA

Uma herança dominial

A Casa do infante D. Henrique no reinado de D. João II

CARMEN M. RADULET

Um retrato italiano do Reino de Portugal no século XVI

MARIA LEONOR GARCÍA DA CRUZ

As controvérsias ao tempo de D. João III
sobre a política portuguesa no Norte de África
Compilação de documentos

ESC. 2500



Mare Liberum

D E Z E M B R O 1 9 9 7 • N Ú M E R O 1 4

REVISTA DE HISTÓRIA DOS MARES

ISSN: 0871-7788

REVIEW OF HISTORY OF THE SEAS

REVISTA DE HISTORIA DE LOS MARES

REVUE D'HISTOIRE DES OCEANS

RIVISTA DI STORIA DEI MARI

ZEITSCHRIFT FÜR DIE GESCHICHTE DER MEERE

DIRECTOR
Joaquim Romero Magalhães

EDITOR
Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

CONSELHO DE REDACÇÃO
António Ferronha
António Oliveira
Artur Teodoro de Matos
Augusto Santos Silva
Diogo Ramada Curto
Joaquim Pais de Brito
Jorge Couto
Luís Oliveira Ramos
Maria Augusta Lima Cruz
Valentim Alexandre

ORIENTAÇÃO GRÁFICA
Carlos Abreu

REVISÃO
A. Miguel Saraiva
Júlia Ordorica

FOTOLITOS
Textype – Artes Gráficas, Lda.

IMPRESSÃO
Publimpressores, Dezembro 97

ISSN 0871-7788

DEPÓSITO LEGAL N.º
42 544/90

TIRAGEM
1000 exemplares

PREÇO
2500\$00

Sumário

ARTIGOS

TERESA REBELO DA SILVA
A historiografia dos Descobrimentos: 1800-1850
7

RODERICH PTAK
Manipulating History
Modern Mainland Chinese Images of Early Qing Macau
63

JOÃO SILVA DE SOUSA
Uma herança dominial
A Casa do infante D. Henrique no reinado de D. João II
85

CARMEN M. RADULET
Um retrato italiano do Reino de Portugal no século XVI
99

DOCUMENTOS

MARIA LEONOR GARCÍA DA CRUZ
As controvérsias ao tempo de D. João III sobre a política portuguesa no Norte de África
Compilação de documentos
117

 **DOCUMENTOS** 

documentos. Na abreviatura de tipo nasal foi, uma vez mais, o critério do escriba a estabelecer a resolução em «m» ou «n». Substituí por til o sinal de abreviatura no caso de se seguir à vogal nasalizada um «h» ou outra vogal (excepto se geminada) ou quando a nasalização incide sobre ditongo.

Na acentuação, aboli sinais diacríticos de função meramente gráfica mantendo os de razão fonética.

Modernizei a divisão das palavras, introduzindo uma separação ou junção completas em palavras articuladas, utilizando o hífen e recorrendo, em caso de elisão ou crase, ao apóstrofo.

Quanto à pontuação, actualizei-a quanto possível, sem deixar de respeitar o texto original, reduzindo o número de sinais ou apenas traduzindo-os (, ; . : ?). O sinal de fim do texto substituí-o por um grande ponto final.

Para sinalizar determinadas ocorrências no texto recorri aos seguintes sinais: interrogação (?) após leitura duvidosa, (*sic*) depois de erro não corrigido, parêntesis angulares < > assinalando lapsos, parêntesis rectos [] no caso de leitura provável, [...] nas lacunas não reconstruídas, barras \ / assinalando o entrelinhado ou à margem, || o cancelado no original, chavetas { } o repetido. Anulei, contudo, as repetições de letras ou palavras na passagem de página, quando fora do texto.

Índice

- I 1534, Setembro, 13. Évora. Carta do Rei D. João III solicitando pareceres, a Cristóvão de Távora*.
- II 1534, Outubro, 5. Abrantes. Em resposta ao Rei, parecer de Cristóvão de Távora*.
- III 1534, Outubro, 18. Ludo. Em resposta ao Rei, parecer de João de Melo Barreto*.
- IV 1534, Outubro, 30. Campo Maior. Em resposta ao Rei, parecer de D. Francisco Lobo*.
- V 1534, Novembro, 6. Esporão. Em resposta ao Rei, parecer de João Mendes de Vasconcelos**.
- VI 1534, Dezembro, 20. Silves. Em resposta ao Rei, parecer do Bispo do Algarve*.
- VII 1534, Dezembro, 23. Porto. Em resposta ao Rei, síntese do parecer de João Rodrigues de Sá de Meneses*.
- VIII 1534, finais. Lisboa. Parecer de Francisco Pereira dirigido ao Rei**.
- IX 1534, finais. Lisboa. Em continuação do parecer anterior, «Repartição» que fez Francisco Pereira**.
- X 1535, Janeiro, 7. Lisboa. Em resposta ao Rei, parecer de D. Fradique Manuel*.
- XI 1541, Março, finais, ou começos de Abril. Lisboa. Dirigindo-se aos seus conselheiros, D. João III solicita pareceres*.
- XII 1541, Abril, entre meados e finais. Lisboa. Em resposta ao Rei, parecer de Cristóvão de Távora*.
- XIII 1543, após Março, s. I. A pedido do Rei em Almeirim, parecer anónimo sobre a conquista dos reinos de Fez e de Marrocos**.
- XIV 1543, após Março, s. I. Parecer anónimo justificando conquista da Índia**.

* Documento transcrito do original.

** Documento que se publica pela primeira vez.

1534, Setembro, 13. Évora. *Carta do Rei D. João III solicitando a Cristóvão de Távora um parecer fundamentado sobre a política a seguir no Norte de África, a respeito tanto da manutenção de cidades e fortalezas do domínio português, como de uma futura grande intervenção nos reinos de Fez e de Marrocos. Acrescenta, após fecho da carta, notícias preocupantes sobre a movimentação de forças turcas*¹. Publicada por Álvaro Pires de Távora, *Historia de Varoens illustres do appellido Tavora*, Paris, 1648, pp. 6-8.

Christovam de Tavora amigo. Eu el Rey vos enuio muito saudar. Pello cerco que o Xarife os dias passados assentou sobre a cidade de Safim com todo seu poder que he mui grande, e pella grande despeza que se fez em o socorrer, e pella maneira de que está minha fazenda, se offereceo ser mui necessario que visse e praticasse se seria bem e meu proueito deixar-se aquella Cidade e a de Azamor, de todo ou algũa dellas, ou se ficaria somente em cada hũa ou em ambas fortaleza para o que Nosso Senhor ao diante mostrasse para seu seruiço: olhando a mui grande despeza que no sostimento della se faz, a que minha fazenda nam pode tanto suprir, por outras muito grandes que se fazem com outras villas e Cidades de Africa & continuas armadas, e assi na defesa e conseruaçam da India, e outras muitas contra Cossarios, e outras que cumpre a meu seruiço e Estado auer fora de meus Reynos, que sam mui grandes e necessarias; e assi olhando o risco que aquellas Cidades correm, sendo cercadas pello Xarife segundo seu poder, e pello socorro ser de longe e terem tam má desembaraçam (*sic*) que no Inuerno nam podem ser socorridas e no veram Azamor parece que nam o pode ser da maneira que conuem, e que tenham sempre tanta gente quanto cumpre para se defenderem vindo sobre cada hũa dellas, sem lhe auer de hir outra algũa; o que he mui grande despeza e se nam pode fazer sem mui grandes trabalhos e despezas de meus naturaes e Vassalos que nisso me ham de seruir como agora neste socorro fizeram. pela outra parte | parece cousa de mui grande pezo auerem-se de largar aos Mouros sendo ganhadas por el Rey meu Senhor e Padre que santa gloria aia, com fundamento de se poder seguir grande seruiço de Nosso Senhor e acrescentamento de sua sancta Fee naquellas partes; E assi que auendo o Xarife aquellas duas cidades ficaria senhor daquella terra de Duquella sem contradiçam, e se faria tam poderoso que fosse muito para temer olhando-se ao diante. E para se deixarem Fortalezas Roqueiras, conuem mui grandes despezas no fazimento dellas, porque o menos com que parece que podem ficar fortes passa de cem mil Cruzados, afora a defensam dellas, e tambem que por fortes que sejam as fortalezas nam ha couza tam segura que nam pareça rezam de se socorrer. e por ser cousa que tanto a meu seruiço e estado toca a determinacam que

¹ Carta concluída a 28 de Setembro de 1534 em Évora. Cf. ANTT, *Gaveta XV*, 14-24.

nisto deuo tomar, ouue por bem nam a tomar sem grande consideracam e conselho das pessoas de quem o nisto deuo tomar. porem vos encomendo muito que olhando tambem nisto o que de deue considerar, e auendo respeito à conquista de Mouros, que eu tanto deseio de fazer nestas partes de Fez e de Marrocos, dando-me Nosso Senhor tempo, que sabe bem quanto deseio disso tenho, e que nam tardarey maes em o começar que como as necessidades de minha fazenda derem lugar pera o fazer, e no que tambem se deue de olhar se seria melhor começar esta guerra pello Reyno de Fez, se por estoutra parte de Marrocos, Olhando-se a disposiçam de cada hũa das terras e do poder d'el Rey de Fez e do Xarife, porque, quando parecer melhor de se começar por o Reyno de Fez seria couza mais conueniente soltarem-se estas cidades, e quando se deuesse começar por esta parte seria maes necessario sosterey-se; e nesta consideraçam se deuem bem olhar muitas particularidades que ha em cada hũa destas partes, para se melhor poder começar a guerra, que seriam muy largas pera escreuer, e vos as podeis bem ver com a informaçam que tereis de como está o daquellas partes que he notorio a todos; e pera saberdes como está minha fazenda vos mostrará Francisco Chamorro hũa folha por que o podereis bem ver, da qual nam dareis conta a ninguem. e tudo bem visto e considerado como de vos o confio me escreuey vosso parecer e as rezoens e fundamentos delle, do que deuo fazer: se soltarey estas cidades ou algũa dellas, e soltando-as se será de todo ou deixando aly fortalezas, ou se as soltarey assi como estam; E por onde será melhor começar a guerra aprazendo a Nosso Senhor de me dar tempo pera isso, como nelle espero que fará; e pois para as sosterey nam pode ser com minha fazenda por agora parecendo-uos que se deuem sosterey, oulhareis o seruiço que meus naturaes e vassallos me deuem fazer e por que maneira me deuo servir delles nisto de mais seu contentamento, pera que tudo bem visto e oulhado me determine em couza de que tamanha pena recebo, somente em a pratica. Fernam Velho a fez em Euora, a 13 dias de Setembro de 1534.

p. 8 Depois de escrita esta, me escreueo o Emperador meu muito amado e prezado Irmam hũa carta, per que me faz saber | como era saido Barba Roxa de Constantinopla com cem galles entre bastardas e sotis e outras sincoenta galeotas e fustas, e chegara a Modon com ellas para ahy se prouer de mantimentos e gente de guerra e de todas outras couzas necessarias para a dita Armada, e que o fundamento que deziam que trazia era vir fazer danno a seus Reynos e senhorios, inda que outros deziam que só trabalharia de apoderar-se do Reyno de Tunes, o que seria mui grande dano considerando o que faria vindo elle sobre as costas do seu Reyno de Napoles e Sicilia e das outras Ilhas, sobre as terras da Igreja e outras da Christandade nam achando resistencia, pello que mandara logo prouer em todas as partes a que lhe pareceo que conuinha acodir com gente, mantimentos, artelharia, e todas outras cousas necessarias para mor segu-

rança dellas; e isto mesmo mandara ao Principe de Melfi, Andre Doria seu Capitam geral do mar que com toda a armada de quinze Galles com que elle dito Andre Doria o serue, ajuntando com ellas outras quatro do Capitam Antonio Doria, seu primo, que tambem estam a seu soldo, e outras oito dos dous Reynos de Napoles e Sicilia com as duas de Monago e as tres de Sua Sanctidade e as sete de Genoua que para este effeito sua Sanctidade tem prouido que se armem, e as cinco da Religiam de sam Ioam, e assi mesmo as dez Galles daquelles Reynos que tras Dom Aluaro de Bazam tomando outras Galeotas e Nauios nos Reynos de Napoles e Sicilia que lhe parecer empregando no que lhe for mister a Infantaria Espanhola que tem nos ditos Reynos de Napoles e Sicilia que seram ate cinco mil Infantes com a gente da terra maes visse ser necessaria, fosse fazer resistencia a dita Armada do dito Barba Roxa, e que em defensão da Christandade e dano dos imigos fizesse todo aquilo para que o tempo lhe desse lugar, dando-me auizo para mandar goardar os meus lugares. e por outras partes fui auizado que mandasse poer bom recato na minha Cidade de Ceita porque o principal fundamento do dito Barba Roxa era vir sobre ella e por Ceita ser hũa cousa tam importante a toda a Christandade parece que deue ser assi, ao que mandey logo acodir como pareceo que compria por agora. e porque segundo estas nouas conuem que se fassam muy grandes despesas na goarda della, e assi na dos outros lugares, vo-lo quis fazer asaber, porque vendo a necessidade que disto ha com o maes que nesta Carta vos relato me podereis melhor dar vosso parecer. Rey.

II

1534, Outubro, 5. Abrantes. *Em resposta a carta do Rei, parecer de Cristóvão de Távora considerando preferível derrubar totalmente os lugares que as circunstâncias obrigavam a abandonar; utilizar as vidas e bens de todos os vassallos, grandes e pequenos, ao serviço do rei defendendo posições ou empreendendo a conquista contra os infiéis; deixar ao Imperador a tarefa de se defender do Turco.* Publicado por Álvaro Pires de Távora, *Historia de Varoens illustres do appellido Tavora*, Paris, 1648, pp. 8-9.

Senhor

p. 9 Por Francisco Chamorro recebi hũa Carta de Vossa Alteza e vi os apontamentos que lhe Vossa Alteza mandou que me mostrasse: pella merçe que Vossa Alteza fez em se em taes caso (*sic*) lembrar de my beio as reaes mãos à Vossa Alteza. Eu vi todos os gastos e despezas que nos appontamentos vinham, e assi o rendimento do Reyno e da India e Mina e das Ilhas, e o pouco que de tudo isto fica a Vossa Alteza e os grandes gastos que cada dia se recrecem. E a carta e apontamentos me poem em confusam | para responder a Vossa Alteza o que me nisto parece, porque as mesmas duuidas e gastos que Vossa Alteza diz me fazem nam me poder determinar. e o que me parece senhor he que quem tem tam bom e santo proposito como he conquistar e ganhar Cidades aos Mouros, nam deuia soltar as que tem por lhe nam dobrar esforço e nisto me nam alargo mais porque Vossa Alteza terá neste caso que tanto importa tomado tam sam e maduro conselho que a nosoutros nam ficará mais que seguir o que mais for vosso seruiço. e se pellas grandes despezas e gastos que ao Reyno acudiram de poucos anos para qua o mais se nam pode fazer e Vossa Alteza está com determinaçam de se derribarem, idade e Vassallos tem para dando-lhes o tempo a isso lugar hir adiante com tam santo proposito como Vossa Alteza sempre teue. e quanto a ficarem fortalezas Roqueiras deue Vossa Alteza olhar o grande gasto e despezas que se nellas ham de fazer e o contino que he o mayor, e tambem se nam escusar serem por Vossa Alteza socorridas, e estarem na mesma obrigaçam dos mesmos lugares. e o que neste caso senhor parece he que pois o tempo e necessidade nam dá lugar a Vossa Alteza as soster em sua prosperidade como estiueram até qui, que nam fique pedra sobre pedra. e quanto a conquista destes dous Reynos, meu parecer he que se comece e acabe a guerra por onde a muitos annos que se começou por el Rey Dom Ioam da gloriosa memoria, e prazerá a Nosse o (*sic*) Senhor que pois Vossa Alteza tem o <mesmo> nome que elle, acabará com mais gloria que os passados, pois lhe pertence por todas as vias com mais razam.

Quanto à maneira de como os vassallos vos poderam seruir, assy em soster como em conquistar, a isto senhor digo que olhe Vossa Alteza quanta merçe e acrescentamentos tem feito aos grandes de seus Reynos e pequenos, e conforme a ellas queira de cada hum os seruiços, e assi

como Vosso Pay que santa gloria aia as tem feito a todos em seu tempo; e por mim digo que se me Nosse o (*sic*) Senhor isso mostrasse em meus dias, que prestes está minha pobre fazenda e pessoa e filhos para morrerem por vosso seruiço e assi o faram todos, pois temos ranta razam para vos seruir e ser contra infieis.

E quanto ao poder de Barba Roxa e do Emperador, he mui grande e com sincoenta e tantas galés e outros galeoens e nauios e sinco mil Infantes elle se poderá mui bem defender a todo o poder do Turco, e Septa he tam forte e anda em taes pessoas que sempre lhes Nosse o (*sic*) Senhor dará esforço para com ajuda de Vossa Alteza nam temerem ninguem. e se meu fraco entendimento nam seruiu a Vossa Alteza nesta resposta como eu dezeio, tome Vossa Alteza a vontade que em my nunca faltará para vosso seruiço. Nosso Senhor o Real Estado e Pessoa de Vossa Alteza guarde e conserue, como per todos he dezeiado. de Abrantes aos 5 de Outubro de 1534.

III

1534, Outubro, 18. Ludo. *Em resposta a carta do Rei, parecer de João de Melo Barreto considerando fora de qualquer cogitação possível o abandono de Safim e Azamor. Uma melhor guarnição dos lugares com a concorrência, em vidas e bens, de todos os vassalos e naturais, bem como uma eficaz coordenação das forças militares, modificaria a favor do Rei de Portugal o comportamento dos diferentes poderes da região. No tocante a Barba Roxa, algumas precauções bastavam.*

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Filmoteca, *Corpo Cronológico*, P. I, M. 53, D. 134. Transcrição do original².

Senhor

A xbj do presente me deu Johão paez hũa carta de Vossa Alteza em que me manda que sobre o nella contheudo lhe escripva meu parecer e as razões e fundamentos delle, açerca do que deve fazer. E posto que pera Responder a tantas e \tam/ grandes cousas hera neçessario mais largo tempo do que pera isso me deu Neste tam breve assy como poder farey o que Vossa Alteza me manda.

E digo primeiramente que çafim e azamor sem embargo das grandes necessidades que na folha vi, Nom se devem deixar em nehũa maneira, assy pelo que toca ao serviço de deus nosso Senhor Como ao de Vossa Alteza e a seu Real estado.

E pois por suas tam grandes e tam diversas despesas, Com sua fazenda as nom pode agora soster, Meu parecer he que todos seus vassallos e naturaees o siruamos nisso Cada hum com o que tem assy de Vossa Alteza e do Senhor Rey vosso padre que Santa gloria aja e dos outros Reis seus antecessores, Como com o que per outras vias tem aquirido e ajuntado; porque os boons e leaaes vassallos pera estas taaes necessidades devem querer o que tem, e não pera o gastar em outras despesas que agora nam quero dizer por evitar escandalo. E pois eu digo Isto que sou hum dos que primeiro hão-de partir para affrica cada vez e quando comprir a vosso serviço, olhe Vossa Alteza que devem [fazer os³ que estão]³ L^{ta} e çem legoas desta costa e que nom esperão acodir a estes Rebates. Eu Senhor tenho LXX reaes de tença que el Rey seu padre me deu e de minha moradia L e nom tenho mais; beijarey as mãos a Vossa Alteza servir-se delles pera ajuda de tam santas despesas, por dous e por quatro annos, ou por quantos mais

² Uma vez que o original não está numerado, procedi à numeração das folhas de 1 a 4.

³ O original, microfilmado, não permite uma leitura inequívoca desta passagem do texto. Optei, por isso, por colocar entre parêntesis rectos a interpretação dada em *Les sources inédites de l'Histoire du Maroc*, Portugal, T. II, P. II (Paris, 1946), p. 666. No que respeita ao resto do documento diferem os critérios de transcrição e, pontualmente, a leitura de palavras. A título de exemplo, mencione-se na f. 2 do original a leitura de «abades» em vez de «cabidos» e de «alarbes» em lugar de «Berbes».

ouuer por seu seruiço; E eu lavrarey e trabalharey com que sostenha minha casa e familia assy como poder ajudando-me nosso Senhor.

[f. 2] E pera se estas cidades melhor e mais seguramente poderem soster, Vossa Alteza deue mandar poer em cada hũa dellas, alem da gente que cada hũa tem, mil e quinhentas lanças de guarnição Com taes e tão expertos capitães que nisso o possão e saibam mui bem servir, e a gente lhes seja muy | obediente e folgue de servir Vossa Alteza debaixo de suas bandeiras; e destes os primeiros sejam os sobejos moradores de Vossa Alteza que de diuersas qualidades traz continuamente em sua corte com demasiadas despesas, as quaes melhor se fariam naquellas partes; E os outros lhe dem os grandes de seus Reinos que tem terras e vassallos e os sostenhão la cada hum segundo a Renda e poder pera Isso teuer. E nesta conta entrem outros que posto que nom tem titulos nem terras, tem grossas fazendas rendas e dinheiro, E os que tem Comendas de tenças Com os abitoss de christo, Santiago e auis, pois pera o exerciço desta guerra, estas Religiões foram ordenadas. E com mui pouco que cada hum gaste do seu nisto, que bem taxado o nam sentira, sobejará gente pera o que digo. Alem do que os perlados priores e abades e collegios poderiam fazer por seruiço de deus e de Vossa Alteza sendo pera isso Requeridos e Rogados o que a meu ver se deue fazer. E se isto Vossa Alteza assy poser per obra, o xarife nom soamente nom viira a nenhũa destas çidades fazer afronta, Mas ainda nom semeara pam que Recolha derredor de marrocos porque lho Iram destruir e sera posto em estreita neçessidade.

E posto que alguuns digão que pode viir a assentar çerco sobre cada hũa destas çidades e a poera em apreto com esta gente ser muita e que a gente da outra lhe nom podera socorrer nem fazer ajuda e fauor, e que seria em balde posta la esta guarnição e que por Isso se nom deve fazer etc.,

Respondo que o Xarife nunca pode mouer de marrocos Com todo seu poder que nom seja muito antes sabido pellos capitaães se elles quiserem teer disso o cuidado que deuem; e tendo seus auisos se podem ajuntar estes capitaães e pelejar Com elle no campo e com a ajuda de nosso Senhor o podem desbaratar. E ainda que de sua vinda se nom podesse saber (o que parece Impossivel) e elle viesse assentar sobre cada hũa destas çidades, alem dos Rebates que cada dia os de dentro lhe poderião dar que seria [...] pera os çercadores, Bem se poderião os ditos capitaães conçertar per suas cartas e auisos que a hum çerto dia dessem juntamente nelle e o desbaratassem. E posto que aquelle que fosse socorrer ao çercado fosse sentido no campo e a gente do xarife quisesse viir pelejar com elle, o de dentro lhe poderia dar nas costas tanto cuidado que se nom podessem ajuntar huuns sem os outros, e sendo todos juntos o poderiam mui bem desbaratar. E se a gente do xarife se quisesse partir pera cada parte pelejar per sy com cada hum dos ditos capitaães, mais prestes se perderia; porque a mor parte da gente do xarife nom he armada, nem tem senão zargunchos Com que tirão, Polas quaes Rezões o xarife nom

[f. 3] ha-de viir a sse meter antre esta gente. E se os alarbes souberem que em estas çidades ha tanta gente que delle os possa defender, todos | ou gram parte delles se viiram laurar e criar aos termos e terras de cada hũa delles por quam tiranizados e mal tratados sam do xarife, e com os tributos que pagaraão a Vossa Alteza se fara mui gram parte destas despesas. E em tanto lhe dera nosso Senhor tempo pera tam prosperamente Como conuem a seu Real estado, passar aaquellas partes e as ganhar e ajuntar aos outros seus Reinos e senhorios Com grande gloria e fama sua; donde alem disso Resultara mui grande abastança das Cousas neçessarias a estes Reinos. E quanto a se fazerem estas çidades fortalezas Roqueiras, o que Vossa Alteza diz que se nom pode fazer sem as despesas passarem de çem mil cruzados, digo Senhor que muito melhor seria gastar outros çem mil e passar logo la e fazer tudo chaão, o que com menos hum pedaço poderia bem fazer. Pello que me {me} parece pois Isto logo se nom pode fazer pelo presente, sera mais seu seruiço o que açima disse.

E quanto ao começar da guerra por qual das partes se deue começar a guerra, Meu parecer he que se deve Começar por fez, se qua em azamor e çafim ficar posta a gente de guarniçam que açima digo. E nom sendo posta, entam se deue começar por marrocos porque estas çidades mais çedo Sejam liures do trabalho em que estão.

E quanto ao poder de cada hum destes mouros, Segundo a enformaçam eu tenho, pera no campo pouca ou nenhũa vantagem tem el Rey de fez ao xarife.

E o tempo em que a guerra se deue começar a fazer assy por hũa parte Como pola outra, a meu ver se deuia mouer o exerciço donde quer que esteuesse em feureiro e hir em março a fez ou a marrocos, porque Jguaes sam as Jornadas donde se ha-de começar a caminhar pera cada hũa destas çidades; Em o qual tempo ha nos campos heruas e agoas Cousas tam neçessarias a todo exerciço e mais em taes partes.

[f. 4] E quanto a vinda de barba Roxa com tamanha frota, meu parecer he que pois o Emperador tem provido Como se armem e ajuntem Liiiii galees, Com os mais galeões, nauios e gente que Vossa Alteza em sua carta diz, e Com tam sagaz e venturoso capitão, Como a fama pobrica ser andre doria, se o dito barba Roxa for disso sabedor, que nom deçera a parte em que o andre doria possa ver; E se vier e se acharem Com a ajuda de deus barba Roxa sera desbaratado. Porque posto que sua frota seja mor no numero das vellas e gente, a de andre Doria sera mais poderosa pola melhor gente e artelharía e moniço de guerra que ha de levar, alem do primor de sua pessoa e grande Industria | que sempre teve nas batalhas e vitorias que no mar ouue. E comtudo Vossa Alteza deue mandar prouer nom soamente çapta mas todos os outros lugares dessa parte, de todo o neçessario aa defenza delles scilicet: artelharía e poluora, espingardeiros beesteiros e bonbardeiros e mantimentos, a tempo \que/ quando vier Junho nom haja neçessidade de lhes enuiar cousa algũa destas. E nam digo que se prouea mais çedo porque emquanto o tempo for verde nom

pareçe Rezam que barba Roxa deça qua tanto abaixo. E pera cada hum dos ditos lugares pareçe que deuem abastar C^{to} L^{ta} espingardeiros e besteiros, scilicet: L^{ta} besteiros e cem espingardeiros Com seus bombardeiros.

E junto com Jsto deue Vossa Alteza mandar fazer a armada que ha de hir a guardar as naaos da India as Ilhas de baixo com tempo pera com algũas mais caravellas estarem prestes. E avendo noua çerta que barba Roxa deçe qua abaixo, o que eu muito duuido pello que açima disse, mandar que se ajunte com a armada do emperador, e proveja doutra forma então sobre as ditas naaos da India. E se barba Roxa nom deçer qua abaixo Como a mim me pareçe, então menos trabalho sera prouer em todo o mais que açima digo. E segundo o tempo lhe soçeder assy o fara.

Este he Senhor meu parecer o quall someto aa correçam de quem o melhor entender. O poderoso deus a vida e Real estado de Vossa Alteza acreçente Como per elle se deseja. de Ludo a xbiij d'outubro de 1534.

João de Melo Bareto

IV

1534, Outubro, 30. Campo Maior. *Em resposta a carta do Rei, parecer de D. Francisco Lobo considerando a mudança dos tempos, os grandes gastos e a necessidade de abandonar totalmente Safim e Azamor, incapazes de suster o poder mouro. A concentração no Norte permitiria melhor defesa, facilidade de socorros e a futura conquista de Fez. Confia na disposição dos seus compatriotas em servir o Rei com fazendas e vidas.*

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, P. II, M. 195, D. 134. Transcrição do original⁴.

Senhor

Vy a carta que me vosa alteza escreveo e pola merçe que co ela me fez lhe beijo as mãos <.> e consyrando em todas aquelas cousas juntas e cada hũa per sy nas quays a tanto que cuydar que per carta pode-se mall Responder porque asy como são cousas que todas tem pro e contra querem-se pratyçadas antre sete ou oyto ou muitos porque cada hum de suas Rezões e dyga seus encovnyentes <.> os meus são que os santos padres não vos derão a voso pay e a uos tantas Rendas na Igreja pera seculares senão | pera tomar e soste os lugares d'afryca e tãobem que vosa alteza tem mays obrygação a soste eses polos tomar el Rey Voso pay que santa grorya aja que se os tomarão os outros Reys antepasados porque como a pay lhe deveys esta obedyençya <.> E porem olhando o tempo que então era e o que agora he e vendo a folha que me Joam pays mostrou destas tamanhas despesas e gastos que se nom podem escusar dygo que a tenção d'el Rey uoso pay era muy santa e de muito servyço de noso Senhor e que a de vosa alteza agora tãobem o he por onde me pareçe bem soltarem-se e de todo porque | fortalezas roqueyras tem casy a mesma ocupação e não tem a onRa e o gasalhado dos lugares grandes pera por eles se poder com muita jente fazer alghũa cousa e mays fazendo elas tanto gasto como vosa alteza dys <.> e quanto ao Xarife se fazer senhor da duqela não no duvydo nem cuydo que aqueles lugares da maneyra que ate qy estyuerão lho poderão estrovar <,> outra cousa pareçe a mym tãobem q'ele fara na quall a pera cuydar <:> he {he} que nom tendo ele hahy conqysta com crystãos que nom deyxara de a vyr buscar e estoutros lugares ca de tanjere e arzyla segundo dyzem que he ma-|nhoso e desejoso de gera e dysto se nom espante vosa alteza aynda que a conqysta seja d'el Rey de fez porque todos são mouros e folgara muito co a sua ajuda e por mays que cad'ano va hum pera o outro nunca pelejão <.> e comtudo estando estoutros lugares ca todos juntos mylhor e mays çerto tem o socoro e por a pasajem embora de uosa alteza e para conqystar fez e

⁴ Dado que neste documento se verifica uma ausência quase total de pontuação, introduzi na transcrição, entre parêntesis angulares, o que me pareceu fundamental. Procedi ainda à numeração das folhas, de 1 a 8.

sua tera tãobem são mylhores por estarem asy como dygo e por ser mays perto deles a fez segundo dizem e a tera mays pouoada de lugares que são boas escapolas e d'agoas e de Ryos e tãobem por serem d'alghuns

[f. 5] lugares de castela pouco mays | que d'alouchete a +Lysboa e d'outros o mesmo camynho a qual castela e do emperador tanto voso amygo e uoso duas vezes yrmão donde esta o socoro e o mantymto muito çerto e muito prestes porque a mesma jente d'aquela costa lhe vem bem os lugares d'afryca por estarem mays seguros em suas casas.

E quanto as çem gales e çynçoenta galeotas e fustas de barba Roxa dygo que he muyto pera temer e porem com ajuda de noso Senhor yndo andre dorya co as gales que me uosa alteza escreue que são per todas çynçoenta e quatro as quays andão muy bem armadas e são muy destrás

[f. 6] no pelejar e asy tomando nos Reynos de Na- | poles os galeõys e navyos que lhe bem parecer que sempre serão outros cynçoenta ou mays aynda que prazera a ele de lhes dar vençymto e pelejando andre dorya com barba Roxa <,> dygo que me parece que mal podera ele vyr ca tanto abaxo a çeyta se não for tão pe{pe}quena parte sua que aynda que seja de temer seja muito boa de Regestyr e comtudo por bom cobro em çeyta me parece muito bem e não tão somente em çeyta mas em alçaçere e em tanjere e arzyla porque vyndo el Rey de fez por tera e medo de gales por mar nom lhes faça alghum dano o que noso Senhor defenda <,> e para quallqer destes lugares peço por merçe | a vosa alteza que se syrva de mym como ele qyser porque asy o qero eu servyr.

[f. 7]

E quanto ao servyço de vosos vasalos e naturays dygo que são portugueses e leays a seu Rey e que os velhos vos syrvyrão co que puderem de suas fazendas e os moços co as pessoas e eu com hum e co outro mao ou bom quejando for e oxala aRemedase a vontade. E porem vendo como os poucos estão tão despesos e que não ha muito tempo que uos syrvyrão pera o casamento de vosa yrmã dygo que os grandes e senhores e fydalgos de vosos Reynos vos devem de servyr pera estas neçeydades per-sentes co que puderem e como puderem. E pera descaRegar de tama-nhas dyvydas não sey outro mylhor Remedeo nem no ha | qe encurtar as despesas e ysto se pode fazer com de tantas tyrar de cada hũa hum pouco e o dinheiro das obras pyas não sey eu outra mays pya que pagar co ele dyvydas d'omens proues e de veuvas d'alem que tantas na corte andão <,> noso Senhor a vyda e Reall estado de uosa alteza garde e acreçente como eu desejo <,> de campo maior a xxx d'oytubro de b^c xxxiiij.

[f. 8]

Dom Francisco Lobo

1534, Novembro, 6. Esporão. *Em resposta a carta do Rei, parecer de João Mendes de Vasconcelos considerando fundamental a observação atenta dos acontecimentos para agir conforme as oportunidades: seja na futura conquista pelo Norte, na actual manutenção de Safim e Azamor ou, eventualmente, no futuro abandono total destes lugares.*

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Filmoteca, *Corpo Cronológico*, P. I, M. 54, D. 7. Transcrição do original não publicado.

Senhor

Jam paez me deu hũa carta de Vosa Alteza em que mãoda que lhe screva meu parecer açerca de soltar ou não soltar das çydades de çafym e zamor scilicet: asy de cã custosas são a soster e asy de como vosa fazenda estaa e asy por onde Vosa Alteza deve começar a guera que espera fazer aos mouros querrendo noso Senhor. beyjo as mãos a Vosa Alteza por a merçe que me nisto faz e por fazer o que me manda digo que a guera meu parecer se começe cando noso Senhor for servydo por esta parte d'arzyla e tangere.

canto a fazenda todos sabemos cã gastado Vosa Alteza esta e asy temos vysto a grandeza e vyrtude sua em querer vender suas rrendas antes que dar opresão a seus rreynos e coanto a isto direy o que vy que muytos sabem: el rrey voso avoo cando fez a guera a grada, todos aqueles grandes que por sua desposyção ou por outros respeytos não hyam em pesoa com el rrey mandavão sua jente segundo suas rrendas e lhe rrepartião e isto asy os mestres e comendadorres e ouve do papa que os perlados e todos os que tivessem rrendas da Igreja servyram com çerta quantidade segundo as rendas que tivessem da Igreja e isto das Igrejas creo que ouve do emperador por esta sua yda que for oytava.

e canto ao soltar das cydades ou não e se soltando-as se ficarão em cada hũa delas castelos fortes rroqeyros, parece-me que se não devem soltar por agora por as rrazões que Vosa Alteza em sua carta diz e por outras muytas porque d'um dia ao outro se muda o mundo e cando o xafirryfe fose nese creçymto o que se não deve sperar de nenhum mourro e parecese bem derrybarem-se o meu parecer he que se derrybasem de todo sem ficar castelo rroqueiro nem nada porque a mesma obrigação tem Vosa Alteza de socorer ao castelo que a çydade tem ahy não ha cousa tão forte que se não torne como não tiver socorro <,> e por minha desposyção e por me não parecer neçesareo não digo aqui mais <,> Noso Senhor acreçente a vyda e muyto rreal estado de Vosa Alteza e lhe de todo o que deseja. do esporão a seis de novembro de b^c xxxiiij anos.

beyjo as muyto rreaes mãos de Vos'Alteza

Yoam Mendes de Vasconçelos

VI

1534, Dezembro, 20. Silves. *Em resposta a carta do Rei, parecer do Bispo do Algarve considerando urgente garantir Safim e depois Azamor, para em seguida tomar Salé e através de fortalezas na Mamora aos poucos abater o poder de Fez; também subtilmente por contactos diferentes com as populações locais subtraí-las à influência do Rei de Fez e do Xerife.*

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Filmoteca, *Corpo Cronológico*, P. I, M. 54, D. 28. Transcrição do original⁵.

Senhor

Eu Respomdi nos dias pasados a Vosa Alteza per joam paez. E quamto a comquista de cafim e defemsam e gera dela nam me parece senam o que tenho escrito E primeiro se deue alimpar as doudices daquele Xarife que espalhar a guera em outra parte porem eses que Vosa alteza a iso mamdar e asemtada aquela comarca podem pasar-se <a> azamor e dahy dar comsyguo sobre sale mea duzia de gales e quatro galiotas que podem dar de supito na vila e asy a jemte de terra porque se sale teuer nam lhe pode ninguem defemder que faça fortalezas no Rio da mamora e elas feytas fez he logo pateado. porem a Vosa Alteza mui bem de cuidar que o socorro de sale he mui perto de micines e de fez e nam tomando logo sale fica a jente que la mamdar atalhada. tudo Isto se ha mui bem de ver e asemtar porque me dizem que com pouqua força se tomara | e se nam fazer gales e fustas nam pode fazer cousa boa. porem por primeiro com-pre alimpar o campo deste xarife e depois entemder no all que todo jumto nam pode.

[f. 2]

Item bem folgaria de vosa alteza se emformar de dom aluoro da costa e do secretario e asy de tristam da cunha o porque seu pai desfez a sua pasajem porque se el Rey dom fernando a destalhou por sua vertude como a jamro e \pai/ da Rainha dona maria a quem queria grande bem nam cuido que posa mais fazer porque o Reyno estaua mui aparelhado e aperbido (*sic*) e seu pai Riquo e agora nam sey como o achara e se por ventura destalhou el Rey dom fernando esta pasajem, pello prejuizo que dahi Vinha a castella porque temdo Vosa Alteza o Reynno de fez nam a mister mantimentos nem caualos e fica sennhor da espanha. E se por ventura o emperador apreça esta comquista pera que veja o defeyto de portugall e seja neseçario a castela toma-lla empreza como pera cousa sua muito de cuidar isto a por yso nam tome detriminaçam finall sem primeiro saber o intrimcico da vomtade do emperador. E quamdo eu em arzila estive mais aReçeo teuemos do comde nAvarro com quatro mill soldados que dos mouros <.> estas cousas querem-se mui bem mastigadas e esmoidas.

⁵ Procedi à numeração das folhas, de 1 a 9.

Item quamto as dividas do Reynno nam ouzarei em esta escreuer somente dizer que santo agustinho dizia que o erario [...] e fisco de Roma creçia quando os officiaes o Regiaão com virtude e quando por afeições se empenhauam nam saberia isto declarar senam Ao seu confesor.

[f. 3] Vosa Alteza nam pode de sy fazer cousa alguua sem leixar seu testamento e tudo mui bem comsertado ao primcipe seu filho e por yso este pomto Releua muito | porem parece-me que tem officiaes tam sabidos e tam amigos de sua fazenda que fariam o posyuell a elles e como compre a seu serviço.

[f. 4] Item quamto a maneyra de ho Reynno o servir nesta empreza he neseçario que a toda a clerezia ordems e moesteiros de Remdas ajudem e sopriram aserca de huum terço do gasto e pera que isto se faça com comciencia e com boa vomtade deve de dar a dita cleresya, ordems e moesteyros {e moesteyros} outra remda de dizimos naquelas partes d'África soldo a livra segumdo cada huum mete a despeza: E isto por huña patemte sua outorgada nas cortes e ainda o papa de o asy Vosa Alteza entender lhe pasara huña patemte pera iso, breue ou bulla pera dar anexação da Renda a seu tempo; e pera iso veja a quem der o cargo o livro semçual de todollos bispados e Rendas do Reynno de fez; e por ser esta guera comtra mouros Nam se á-de pesar, porque asy se fez na guera do Reynno de omgria onde muitos bispos e arcebispos moreram na batalha primeira e sua santidade trazia agora huum cardeall com muita jente no aRaial do emperador. E a mim parece que estas emprezas sam grandes e seu estado nam tam poderoso por iso nam estranharia trabalhar d'aver salle por manha e daly | nam lhe poderan tolher fazer na mamora quamtas fortalezas quizer e per neseçidade fez sera seu e toda a terra. E cuidoo que este jeito tomava seu pay porem foy erro no lugar omde se fez a fortaleza muito bem lhe a de saber dizer isto dom aluaro da costa.

Item nam quero nesta escreuer que com esta condiçam cobrou A ordem de samtiago A terra Aos mouros e os Reis d'espanha com os arcebispos e bispos e por yso ficaram isentos do emperio porque escreuer ysto sera cousa lomga bem pode ser que livros dizem paruoices porem asy o escreuem pera imsyno dos que despois naçerem e viuerem noso senhor conserue sua vida e estado.

Item nam callarei que a ordenaçam dos caualllos a mister d'outra feyçam scilicet: asy como fez el Rey dom Afonso e el Rey dom Joam e el Rey seu pai que em samta gloria esta porque sem fallar Nos clerigos s'estende a lley a elles pois he seu proveito em especialmente a tempo de tall empreza porque a cleresya fara mill e quinhentos caualllos mais gordos e fermosos o que ninguem <faz> pois tem Rendas pera yso. |

[f. 5] Item nam se esceça cuidar sobre a tomada de salle que isto releua mais a seu estado que tudo e com menos fadiga e gastoo fara o que quizer; e tem muitos negros pera Remo das suas armações e cuidoo eu que esta era a sotileza que seu pay cuidava quando mandou fazer a mamora

porem eu o ouuia agastar-se muitas vezes que nam era ditoso nas cousas d'alem e nam se achava poderoso por yso empremdia a guerra por sotileza.

[f. 6] Item Sennhor me lembra que o tempo da pasajem que seu pay ordenava pera o Reinno de fez dom aluoro e o marquez que deus aja e asy o comde de portalegre fizeram todas suas cousas como lhe compriam scilicet: dom aluoro foi Restetuido a todolas cousas que damtes tinha, com pagas das Rendas do tempo pasado o marquez ouve suas valemças e suas terras e a de valadares e o comde de portalegre fez os casamentos com a filha de dom Aluoro e todo o que quis despois negoçearam desmanchar a ida de seu pay com a Infante e com a Rainha e com el Rey dom fernando e nenhum destes gastou cousa alguña em perçebimentos como outros fizeram parece que tinham este acordo com a Rainha dona lianor e a Infante despois el Rey emtrou na sotileza da mamora e nam tomou conselho de pesoa alguña somente mandou a dom martinho que fizese o apercebimento. E cuidoo eu que estes sobreditos Representaram a | Seu pai que nam era poderoso pera pasar e o comde de portalegre que primeiro o demoueu a pasajem porque sabia as cousas de ffez <.> despois voltou estas cousas A sua Alteza mui bem de saber do sacretario e dom Aluoro da costa e tristam da cunha que eram aquele tempo <.> e nam faça gastar seu Reinno sem muita serteza; E o mais seguro conselho he ordenar que se tome sale por manha como tenho dito e dahi fara fortalezas na boca da mamora e sem muito Risco e pouquo gasto pateara fez.

[f. 7] Item se vossa alteza quer com Razam naturall e espiriencça fazer a guerra ao Xarife com menos custo mamde que leixem os mouros criar e lavar ata as portas sem lhe fazer nojo nenhuum e ainda tenham-lhe de fora tavernas e todolas cousas que lhe forem neseçarias comprar e como virem esta fialdade e lealdade os mesmos mouros botaram o Xarife fora e se alevantaram contra ele. E quando pedirem ajuda de jemte de caualllo lha mandara sua Alteza e nam tera neseçidade de caualeiros alem senam de jemte de pee que guarde os muros. a prova disto he que amtes que os seus fizesem guerra em çafim e em Azamor nam tinham Xarife nem lhe era neseçario <,> agora foram | Por elle pera sua defemsam <,> e portugall tinha damtes muito trigo e cavallos e todo o que aquela terra daua. outro tanto digo d'el Rey de fez que se leixar laurar os mouros e lhe dar campo seguro eles nam quereram pagar tributo a el Rey de fez e bota-llo-am fora e nam tera o gasto dos caualeiros. porem esta Razam pareçera estranha a muitos porem ela he Verdadeira e cuidoo eu que asy o faz castella neses lugares que tem nas bamdas d'alem e quem ller estorias e souber as cousas que inda oje se praticam, achara que os gereiros nam faziam nojo a lauradores nem a criadores senam despois que espanhoes entraram em italia tudo foy Roubado <.> E por aquy nam se tolhe que tome sua Alteza sale e faça fortalezas Ao lomgo da mamora e desta maneira ira mui mançamente e com menos gasto fazendo-se Rey de fez porque sendo mouros de lei comtraira nunca os ha-de fazer amigos senam como

fazem os casadores Aos falcoes e gaviaes damdo-lhe mui bem de comer e fazemdo prazeres e damdo-lhe empulhas de galinha <.> e que esta Razam pareça maniacca e desacustumada <,> ela he verdadeira <.> se vos Senhor foseys poderoso pera tomar todo o Reynno de fez e pavoar de cristaãos seria outra comta porem per manha e bem fazer os a-de sojigar.

[f. 8] Item despois desta escrita soube da morte | da senhora Infante que Deus aja louue-a deus e peça-lhe que asy acomteça a todolos casados que leuem as molheres as (?) por sy que asy o ordena deus a quem quer bem.

Item senhor ouui dizer que o emperador hia a itallia e tanto que se tomou tunes logo dise que era nesecario porque Sezilia coria Risco e toda Italia que nam desejam senam marcantejar com o turco e novidades <.> Praza a deus que nam tenha neseçidade em pessoa acudir aos seus lugares d'alem porque se barba Roxa vem a aceita ou a quallquer deses lugares d'alem com cento L galles em tres oras a a-de tomar sem aver tempo doutra defesa nem socorro porque galles fazem o seu mui prestes e tiraram cento L gales em huum dia mill tiros de bombardas e poram todo o muro por terra e temdo doutra parte el Rey de fez nam lhe sey defesa <.> praza a noso senhor que pello que compre a seu estado e omra de seu Reynno cuide isto bem que tiramdo (sic) se emtrou arzilla seu pai vinha detriminado com todo o Reynno a pasar e el Rey dom fernando o ajudaua muy bem e se arzilla se tomara todo o poder de castella ouuera d'acudir e despois alegar seus titollos e despesas. E nam ponha

[f. 9]

Senhor nisto descuido nem longura que gastara despois | dobrado e nam he poderoso pera tornar a tomar nenhum lugar daqueles.
As mãos de sua alteza beijo. de Sylues o nouo Aos xx de dezembro de 1 b^c xxxiiij.

Bispo do Algarve

VII

1534, Dezembro, 23. Porto. *Em resposta a carta do Rei, síntese do parecer de João Rodrigues de Sá de Meneses, considerando não se dever abandonar, seja em que situação for, Azamor e Safim, mas defender e conservar a autoridade régia pelo concurso de todos em vidas e bens.*

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Filmoteca, *Corpo Cronológico*, P. I, M. 54, D. 33. Transcrição do original⁶.

Senhor

dias ha que me deram hũa carta de vossa Alteza a que não respondi mais çedo porque naquele tempo me açertey fora de minha casa e em lugar de que o não pude fazer e prinçipalmente porque logo então se soçedeo o falecimento do senhor iffante seu Irmão que deus aja sobre que fora neçessareo escreuer-lhe doutra maneira e o uisitar, o que per mim não pude fazer, nem sey como o fezera; per carta me não atreuy de o fazer em nenhũa maneira, nem achar cousa que lhe disesse, iguoal ao nojo e aa paixoaom e perda de uossa Alteza nem que deixara de ser escusada, pera sua prudência e seu saber, e que escusara de se mostrar quam pouco o meu fora pera isto. agora que vossa Alteza Jaa deve de querer dar lugar a outros nego-|çeos e fazer per siso e per Rezão o que todauia ha de fazer o tempo, lhe mando a resposta do que me escreueo; e porque ela he tão cumpriida que me parece que a não ueraa, aqui direy breuemente o que Lhe nela digo muy largo: que meu parecer he que vossa Alteza não solte aos mouros per nenhũa maneira suas çidades, nem cure de fazer nelas castellos, que seria perder o que neles gastasse, e a elles per derradeiro; e que pera isto todos o siruamos co as pessoas e fazendas e com tudo o que temos e sostenhamos a autoridade de sua coroa Real e seu estado, aa custa das fazendas e das viidas, que se não podem gastar por melhor preço, nem empregar melhor em outra cousa. as rezões desta opinião minha dou largamente nes'outra carta, e por isso nesta não direy mais. Nosso Senhor a viida e Real estado de vossa Alteza guarde e acreçente a seu seruiço. a xxiiij de Dezembro de MDXXXiiij do Porto.

[f. 2]

beijo as Reais mãos de Vossa Alteza

Yoam Rodriguez de Saa de meneses

⁶ Procedi à numeração das folhas, de 1 a 2.

VIII

1534, finais. Lisboa. *Parecer que Francisco Pereira expôs por escrito a D. João III considerando criticamente a política seguida então no Norte de África, tanto na guerra como na paz, classificando de excessivas e mal aplicadas as despesas feitas com as diferentes praças. Preconiza aplicação dos gastos e concentração de forças na conquista de Fez, situação que traria vantagens políticas e económicas a Portugal.*

Lisboa, Biblioteca da Ajuda, *Códice* 51-VI-40, ff. 407-431. Cópia não publicada⁷.

Havera porventura algum serenissimo e munto magnanimo Principe munto alto e munto poderoso Rey e senhor que me quererão reprehender por hum vulgar dizer fallão, onde o não chamão, mas como todas as couzas devão ter respeito em Deos, elle julgue a cauza que me moveo a escrever este parecer, e quem sem paixão o quizer olhar, vera que nas taes couzas, se me eu não engano posso e devo fallar.

f. 408 E mais agora que estou em liberdade de não temer pois não tenho que perder, se mais livremente ou com mayor atrevimento do que devo fallar peço a Vossa | Alteza o queira perdoar olhando a Vontade com que se escreve.

Dar rezões em couza tão clara parecerá ser escuzado pois não recebe em si nenhũa Contradição mas o esquecimento que nisto veyo mo fas fazer.

Não sinto que possa dizer se não que Postumo Consul Romano acuzado no Senado dezia que os seus Deuzes immortaez aredarão todo o Concelho delles Capitaes Romanos.

Que outra couza se pode dizer se não que o nosso verdadeiro Deos arreda todo o Concelho e verdadeiro Juizo dos Nossos Concelhos digo dos Nossos sentidos, que tantos annos há que se despende tanto sem porveito, o que só os dous annos se bem dispendese se tomaria Fees.

E o Concelho tão claro, por nossos peccadoz tão encuberto por mão de Deos, qual hé o que não entende e claro não vê que duas mil lanças juntas em dous Annoz de Guerra tomarão Fees. |

f. 409 Por só sostêr poder dizer tenho lugares em Affrica, não temos nada antes elles nos tem a nós sempre acantoados dentro das nossas barreiras cada dia nos cercando matando-nos, correndo-nos, captivando-nos, resgatando-nos tão soberba e inhumanamente que não sey qual hé o que se consente resgatar, nem como se consentem tais resgates.

⁷ Antigo *Códice* 51-V-37 da Biblioteca da Ajuda. Otilia Rodrigues FONTOURA, que primeiro chamou a atenção para este documento, cuja segunda parte se publica de seguida (doc. IX), transcreveu-o na sua dissertação de licenciatura, *Portugal em Marrocos na Época de D. João III. Abandono ou Permanência?* (Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1966, dact.), pp. 224-237 e 238-248. Para a presente publicação procedi a nova transcrição a partir do mesmo manuscrito, tendo assim possibilidade de rever o texto, completando-o em certas passagens. Mantenho a data achada por aquela autora.

Oh quanto cortijo, quanta quintanilha, como aquelle catholico e esforçado Cavalleiro Vosso Avo lhe chamou, pessoa em quem tanto se deve tomar exemplo aventurando sempre a honra do Estado real em tomarem hum desses lugares tanto couza para cada dia poder ser como já tomarão hum, e outro ajudado (?) a restetuhir para estrangeiros, praza a Deos que ao diante estem seguros os outros.

Não hé mayor mingoa perder-se hum castello, do que he honra outros mil tantos, e pedir pazes a quem ainda elles as pedindo com grandes interesses não devião ser outorgadas. |

f. 410 Não digo que se não peção se taes neccidades nos constrangem mas digo que nós nos constrangemos a essas grandes necesidades, minguando e repartindo em tantas partes nosso poder sometidos sempre no campo cada ves que entrão se forem sentidos a desbarato.

Que grande honra se abalão em Feez ou sera o Xarife aballar todo o Portugal, e isto cada anno e tantas vezes no anno em socorro de dous Barbaros, e ficamos temerosos athe sabermos se são socorridos, e damos graças a Deos quando sabemos que somos livres de suas maonz, como que elles tivessem a Jezus Christo e nos a Mafamede, que se podera dizer, que nos somos os conquistados.

E o que peor hé que todos estes nossoz trabalhos, prigos e grandes despezas vem a redundar em porveito de nossos enemigos, e não está munto certo, que com o credito que tem ganhado, e cada dia ganhão por nos fazer a guerra, por acharem em nós tão fraca rezistencia, pello nosso poder estar tão espalhado, se tem feitos | Grandes, e de Xeques, Reys de Fees.

f. 411

Esse Xarife asim andava possante antes de ter a nossa guerra, eu tenho perguntado a alguns que tem rezão de saberem a despeza de Affrica, tem-me dito que passa de cem mil cruzados e a rezão asim o mostra segundo vemos as despezas, ora não está claro cegar Deos este Concelho.

Esta conta está muito certa pagando a Lança a dezasseis mil reis (*sic*)⁸ que esta asas onesto com cem mil cruzados se fazem duas mil e quinhentas lanças, que Fees que Affrica não sogigarão duas mil e quinhentas lanças juntas.

Que diremos todo o gasto dellas se faz e não se pelleja nem fazem mais força que por duzentas lanças, por estarem espalhadas por estas quintanilhas, com mais mortos e captivos, que se estivessem juntas sogigando toda a Affrica quem duvida que não houvessem grandes porveitoz.

f. 412 Esta se podia chamar honra que não estar enserrados por esses cortijos morrendo de | Fome sempre com medo de serem cercados.

⁸ A utilização pelo escriba do termo «reis» em lugar de «reaes» deve-se, sem dúvida, ao facto de estarmos perante uma cópia manuscrita, provavelmente do século XVII. O original quinhentista deveria patentear exclusivamente a abreviatura «rz» de «reaes», que ainda surge nesta cópia na f. 421 e que resolvemos segundo a forma «reis» dado ser esse o critério seguido pelo copista.

E se quer soster esses lugares não he asas Cepta nessa Frontaria desse estreito, que esses outros Lugares quem sabe delles senão dous barquetes que vão vender romans.

Antes digo que nunca se delles sabe se não quando hé com alguma quebra sem mingoa nossa que como se dis o mao vezo não ve o bem que entra senal (*sic*) o mal que sahe.

E inda Cepta sem nehun gasto de gente de cavallo senão hũa armada onesta que guardase aquelle estreito que não parecece couza obrigatoria que não se deve esquecer o requerimento que ja ouve sobre Tutuão pello munto danno que fas a castella que bem guardado daria mais honra a Portugal do que da toda a gente de cavallo de todos os lugares e com menos gastos do que agora gasta so essa Cepta. |

f. 413 Eu me sohia rir do Frances de Arzilla que rindo-se da nossa guerra dezia: que era boa guerra, onde ao fugir chamavão retraer e aos Ladrões cavalleiros.

Agora veyo quam bem aquelle Cavalleiro, que seria homem de pensamento dezia: que outra couza he a nossa guerra, senão hir a furtar quatro cabras e duas vacas, e vimo-nos fogindo e havemos por honra quando dentro de nossas Tranqueiras nos vem ferindo e matando, e mui offanos lhe mudamos o nome de fugir em retraer quando não vimos a redea solta e ainda por esses barrancos, como cada dia se fas.

Eu andei ja munto contente de mi nesta Guerra onde me criei, e não duvido que ainda dure em alguns mancebos que mais não entendem mas agora juzo que se na tal guerra por algum cazo entrasse (do que me Deos guarde) que avergonhado de andar em taes mocedades andasse rebuçado por não ser conhecido como homem que entra em lugar vergonhozo. |

f. 414

E tendo hũa magnanima confiança que mayor feito se cometera, e mais honrado em nos derribar, do que cometerão os munto excellentes e esforçados Reys que como diz hũa Ley os tempos mudão as Leis.

Mais honrado feito cometeo o Papa Jullio na confiança de derribar o Templo de S. Pedro, que o Papa que o tem acabar, que o derribar destes Lugares hé edificar a tomada de Fees.

Este é o verdadeiro cimento da destruição daquelles mouros, e se não houver tal confiança para os derribar, ficão-se sequer roqueiros, e com sisterna e torga se sustenhão.

Ninguem com mayor vontade morrera, por soster a somenos ameya delles e ninguem com o pique na mão os hira derribar se for para mais honra.

f. 415 O meu parecer hé, e quem o contrario tiver hira contra vosso serviço e honra de Portugal aporveitar-ce este gasto que se fas | Tão grande e tam perdido e pois haja gasto passante de duas mil e quinhentas lanças porem-se juntas em corpo e hũa força no campo de Aragão (*sic*).

E se se quizer dizer que tão levemente e sem grande despeza se não pode fazer a dita força no dito campo por onde hé o verdadeiro e direito caminho da conquista do Reino de Fees,

Que a mi parece que não sera tão caro de fazer segundo o poder de Fees agora anda repartido e esta minguido que nunca esteve mais para conquistar segundo a devizão que agora há entre elles todos.

E não sendo alli seja onde e como melhor puder e dever ser. o que brado hé que esta despeza se ajunte e seja no dito campo, hora seja em Arzilla onde se pode fazer munto boa guerra hora nesse Azamor do qual eu ainda não tenho vistos outros porveitos se não alem das grandes despezas que se nelle fes e faz tolher-nos com muntas mortes de homens, o pão que dessa terra nos sohia a vir. |

f. 416 Hora em Callé não pode tão mal estar em nenhum cabo estando junta donde se não alcance grande honra e se adquirão grandes porveitos.

E se esta despeza eu junta visse eu tornaria com boa vontade a pagar a chancellaria dos moinhos de Fêes o qual conquistado e ganhado fica logo nosso tão seguro e tão pacífico com os campos se Santarem a que munto se deve olhar e haver grande respeito.

Porque {que} Reys poderosos e marcãos nos hão-de fazer a guerra, de hũa parte El Rey de Tremezem, e outra tão pouca como Ourão nas costas, a quem paga pareaz, que havera por munto poder viver e ser nosso sogeito.

Daquella banda não haja que temer athe os dezertos, a parte do sertão os Ziguiziguis, gente sem nenhũa força, a metade de El Rey de Fees, e a metade do Xarife, que ambos contém quem os senhoreara que da gente da terra não se fas nenhũa estima. |

f. 417 E da outra parte de Arguim athe os outros dezertos só o Xarife tem toda aquella terra, que não está em mais com suas sandices e pouco poder, senão a disposição de quem lhe quizece tomar a terra, que Miramolim por arecear que nisto se pôde bem ver, quam pouco hé de conquistar o Reyno de Fees, pois hum mourinho em tão pouco tempo se fes Senhor da mayor parte delle.

Pois esses Barbaros dessa serra Tedulla tera dubidum Xuxuam que vem ter a Targa e Belles, que força podem fazer, nem esperando nenhum socorro, que em dous dias mortos de fome, todos se não venhão cruzar.

Assim que não está em mais tomar Fees e todo seu Reino, e te-llo pacífico, que em ver Fêes como elles mesmo dizem, que quem o vir o tomara como hé verdade, pois não há duvida que o Vosso poder armado o não pode ver quem hũa real e grande honra dezejar, onde a pode mais hir buscar, quem cubiça de dinheiro que maes India quer que o Reyno de Fees.

f. 418 Quam presto se pagarião as despezas que | Nelle se fazem se agora se dispendem cem mil cruzados, tendo em Fees duas mil Lanças, ao mais custarião sincoenta mil cruzados que a des mil reis (*sic*) se acharão, quantas quizerem.

Antes digo que os pagarão por os deixarem lá hir ver, e sem se tirar nem lançar do Reino, que Mouros virão cometer duas mil lanças no Reyno de Fees tendo a Cidade por si, e donde virão, e que não sogigarião duas mil Lanças.

Quem não sabe que o Sabayo com douz mil Mourinhos sogiga gente innumeravel delle, elles Mouros, e os outroz gentios, que todos trabalhão e lavrão para elle, com suas Leis e ordenações, as quaes nos melhor haviamos de saber fazer e guardar se nesse Reino de Fees nos visemos possantes, quantos cidadãos teriamos que nos ajudassem a sojugar atem (*sic*), e com maons alheas fariamos a terra a nossos inimigos.

f. 419 Os mesmos Lavradores e Mouros, aliviados dos grandes e incomportaveis tributos | Que agora tem darião graças a Deos de serem nossos sogeitos como vimos em grada que antes forão todos Christãos que deixarem de lavrar, e viver em suas terras.

E que grada seja munto boa terra munto vai della a Ponte de Gosma com todo o Reino de Fees que mina de trigo para abastar todo o mundo: cavallos, cevadas, todos legumes, gados, cera, mel, gomas, lans, grans, tamaras, canamo, anil; que mina de ouro, que outras mil mercadorias necessárias e munto correntes em todo o mundo.

E não estariamos sogeitos a cada Corregedor que vem a Badalhouse ou a Malega de nos por cerco, vedando ou apertando mais a saca de trigo: Guerra que eu mais estimaria e arrecearia que a guerra guerreada.

f. 420 A hum Lavrador Velho em termo de Villa do Conde ouvi dizer que era novidade necessaria em Portugal de annos em annos dar Deos pestelencas que a gente multiplicava em tanta maneira que huns aos outros se comião que não | Há ahi lugar que fosse de dez vezinhos que agora não seja de cento.

E quem sabe as estreituras e curralejos de Antre Douro e Minho, e da Beira e de todo o Portugal a mayor parte steril, posso dizer que não há gente em todo o mundo de mayor trabalho, nem mayor fraqueira que os nossos Lavradores se tivessem donde trabalhar que nos penedos e nas areas deitão o seu trigo deitão o seu ouro, e nos campos allagados tres ou quatro vezes no anno o aventurão.

E galliza terra tão esteril toda hé povoada de Portuguezes por queimar hum ruivo Xaral para semeyar dos alqueires de senteyo e outros contrangidos da fome por essa Castella, e por esse (*sic*) mundo se vão buscar pão morrendo de fome.

f. 421 As Ilhas terceiras hé já lá tanta a gente que vay buscar dous graos de mau trigo para comer que já lá se gasta toda a novidade: quem crê que estaria aquella gente tão perdida naquellas Ilhas se ouvesse Fees, e não hé tam pouca | Que não ocupe gram parte da terra.

A mayor parte da Andaluzia seria de Portugal: não morre tanta gente Ezpanhol nas Italias senão por não poder viver nem ter vida em Espanha; hum anno de fome em castella sahira a mayor parte a Fees, segundo a terra hé boa e a passagem hé curta.

Quem não olha as vallias das terras em Espanha: eu tenho hum cazal se mo já não tomarão em termo de Obidos que eu vi comprar por deza-seis mil +reis (*sic*), e não foy barato em que se não fas nenhũa bemfeitoria, e agora val duzentos mil reis (*sic*).

Em Castella não há vinte annos que hũa geyra de boa terra vallia seiscentos reis (*sic*) geralmente, e agora val sete mil reis (*sic*) que toda com a fome hé posta em maons de senhores e homens possantes não menos crecção as vallias das eranças em castella que em Portugal.

f. 422 Em grande maneira hé pobre o povo de Castella pois não se hira essa gente | Para onde lhe darão munto boas eranças de graça em terra munto sã?

Dis o Marinheiro que quem tem pombal nunca lhe faltão pombos quanto mais tal pombal que como se dis da terra de promissão hé fluente mel e leite.

Quem vio Africa que não vice as cabras e vacas sempre correndo leite em fios pellos campos pois que caminhos hé que não estejam cheyos do mel que corre das abelheiras? creyo que se pode dizer, e afirmar que em todo o mundo não há mais frutifera terra, nem mar nem rios mais abastados de pescado.

Nem sey que andamos buscando as sete cidades que aquelles Barbaros tem e tão contra justiça possuem pois estamos esbulhados e roubados da terra que tão justamente e com tão justo titullo possuímos em grande vriptuperio da Christandade.

f. 423 E respondendo ao mayor inconveniente que alguns querem, para não se fazer esta | Conquista, que openião tão errada hé querer dizer que se espalha a força de Portugal com a conquista do Reino de Fees antes digo que se fas mais e mais forte,

Porque tendo Fees com as mais gentes de estranhas partes que com elle se há-de adquirir e assim a gente Portuguesa que anda espalhada por fomes e outros cazos asima apontados que todos se hão-de recolher em Fees.

E asim com a gente que agora hé necessaria à deformação (*sic*) de tantos Lugares quanto agora há em Affrica bastara para guarda das Forças necessarias de Fees que munto acalmadas melhor se podem guardar.

Eu não sey vindo hũa necicidade de Guerra a Portugal que remedio se dara de mantimentos para esses Lugares quando agora sempre morrem de fome: a isto não se olha todas as couzas se devem antre prover como seja fossem, ainda que seja para nunca serem. |

f. 424 Eu não digo que vamos tomar Larache ou Calles para termos mais quintanilhas que bastecer com mantimentos de Espanha mas esses que temos, antes que em mais afronta nos ponham que os soltemos se mais honra ou porveito se delles se não esperar que por agora se recear o espalhar a força de Portugal em Affrica ouvera de ser antes de termos lá tantos Lugares onde a espalhar que já de necessidade se hão-de guardar ou dezonradamente deixar quando por força no-los fizerem deixar que hão mister quazi tanta gente, e que sejam camalliões e que vivão do ar quando a gente recolhida quando viesse a essa necessidade nas forças bem calmadas e bem repartidas no Reino de Fees, e da gente que nesta terra mais andasse ficando as forças bastecidas nos poderião vir ajudar, acostumadas a vencimentos, e não como agora acostumadas ao retraer dos

Franceses, ensinada a capitonar, e a ser capitonadas com muntos mantimentos de que hé mais falta em Portugal que de gente. |

f. 425 Quando faltar a gente em Portugal para hum dia de Batalha tendo provizões necessarias: eu hei que mal se pode conquistar Portugal por muntas rezões munto evidentes.

E tendo esse Reino de Fees porque não teremos como asima disse Alcaides, Mouros, Vassallos que com tres ou quatro mil Lanças nos viessem com mantimentos cá ajudar como em Castella cada dia se fazia.

Mas eu digo que tenhamos toda a gente que há na soíça que nos possa defender da Guerra de fogo e sangue ainda que possamos defender a quem quizermos, como ou quem nos defenderá da guerra da fome, que para se perder Portugal não hé mais necessario que nos serrarem seos portos quanto mais os nossos.

Hora não socorrendo primeiro a principal necicidade e guerra que mais nos pode empecer, e receando essa outra guerra viva nos sempre em tanta guerra mais para temer e tam necessaria para socorro desta outra. |

f. 426 Não está certo que tendo o Reino de Fees teremos sobejos mantimentos, que será a principal força, e o mais necessario muro de Portugal, para não arreçar nenhũa guerra, quando a fortuna a troucece?

Athe quando durará não cançarmos, nem nos envergonharmos de estarmos às esmolos do pam de Castella: a que riscos se pode por Portugal que lhe não este bem contado, por se livrar de tanta dezaventura e de tantos requerimentos em tanto que já esta Guerra se não pode chamar voluptaria, mas munto necessaria e comtudo se este gasto de novo se houvesse de fazer, eu antes aconselharia que se pagase a vivos e a mortos, e depois podendo se bem fazer que se fizece, e não com suores alheos.

Mas já que se despence asim se ha-de ver fazer hum gasto tam grande, e tam perdido, e não há-de haver Cavalleiros que o bradem, que eu com este meu fraco remo bem vejo quam pouco posso avançar mas digo o que entendo e o que com verdade ninguém pode contrariar.

f. 427 E venhamos a esse ponto cru dessa guerra | Tam arrecadada de Castella não hajamos vergonha de a nomear que nem por iso nos hão logo de sorver, e não digo que se não arrecee munto, e quanto mais Cavaleiro tanto mais a deve arreçar, por quanto mais nisso aventura e com tantos mais bons e onestos meyos a deve desviar.

Mas digo que eu sao Marinheiro que entendo o mar e he munto certo que nas grandes tormentas mais naos são perdidas por amainar que por bem ter a vella, e nisto mais me não intermeto digo ter a vella (*sic*),

E nisto mais me não intermeto por se não perder o credito Portugues como de todo se vai perdendo, devia-se mostrar que ainda somos aquelles Portuguezes que tantos vencimentos e boas venturas já houvemos, e que ainda somos para mais que para luvas perfumadas com tantas delicadezas que asim correm atras de nos e por nossa roupa como de gitanos de todo corridos.

f. 428 Que podera reçar quem tiver hũa Guerra tam justa ou quem podera vir contra seus | Reinos que não seja destruido de Deos e do Mundo se cremos que há Deos?

El Rey D. Fernando de Castella que foy chamado par do Emparador que na tão santa guerra andava por della ser estorvado pelo Emparador Henrique com ajuda de El Rey de França, o Catholico Rey olhando a Deos em cujo serviço andava do qual era estorvado ajuntou sua gente, e com a ajuda dos Mouros que seguião seu partido que lhe derão duas mil Lanças foy contra elles, e ajudado por Deos dentro dos termos do seu Imperio depois de muntos vencimentos forão constangidos athe demandarem pás, a qual lhe outorgou apelição do Papa Urbano fazendo decreto por onde as Espanhas forão livres da sogeição que dantes tinhão, e se tornou a sancta e bem aventurada Guerra em que andava.

E não menos hé a Vossa onde tão grandes vencimentos cada dia milagrosamente havia que seria proseso infinito de os contar.

f. 429 Não digo que façamos esta Guerra com a esperança que milagrosamente vença-| {Vença}mos mas por munto claras e evidentes rezões, esperemos o vencimento mas pois somos Christão, e cremos em Jesus Christo, ainda que com aquella inteira esperança nelle não vamos, que indo com ella não havia que fallar nem que fazer mas por mais peccadores que sejamos invocando o seu santo nome havemos sem nenhũa duvida de ser ajudados.

Alarguem-se pois só os nossos termos, não estemos encerrados em tão estreitos limites, pondo os olhos primeiramente em Deos, que elle tera cuidado de os encher de Christãos que louvem o seu nome pois estão cheyos de quem o blasfema.

f. 430 Cumpramos com as cruzadas tiradas, que não sey se ainda ahi houvera algũa obrigação de restituição, façamos verdadeiros os indultos impetrados de que tanto estes clerigos se queixão porque se o virem bem desprezo, elles mesmos virão com as cruces e Calices, e mais tendo tal irmão, que o mayor estado e melhor herança que lhe pode dar hé po-llo em tam sancta guerra, onde ganhe fama, e tal nome | Qual elle hé: pois nesta nossa Christandade não há tais dous Princepes como os nossos Infantes que podem vir a grandes reinados e boas venturas, que Deos lhes dará, pois são para elles e os merecem.

E alem do que se nesta tão honrada fama ganha, hé munto para estimar se adquirem para esta guerra ao menos sincoenta mil cruzados asim das suas rendas como da nobre gente que com elle hirá que nella se hão-de gastar.

E porem Senhor em entrando na Capella mor desta cidade olhe aquellas sepulturas dos Reys vossos Avos, e nellas vera quanto melhor parecem os que não estão vestidos de arminhos pois tudo alli vay parar não toco a redempção dos captivos asim de Portugal como de Castella a que munto se deve olhar.

f. 431

Não se despreze de se ler este parecer ainda que não seja de homem de munto concelho lea-se como o da Torre de Sevilha que foy asas porveitoso, ainda que não fosse por pessoa de concelho algũas | Rezões se poderião dar, por onde porventura este meu parecer a alguns não parecerá bem que deixo de dizer porque estão munto claras.

Outra vez peço por merce a Vossa Alteza queria (*sic*) perdoar o atrevimento que em tanto me atraver cometi, querendo (como já disse) olhar a vontade com que se escreveo, protestando de asim servir vendo-me na dita guerra que mereça perdão de minhas ignorancias e porque acerca de aquesta Conquista, há outro parecer em escripto em contrario deste, a este se deve perdoar.

IX

1534, finais. Lisboa. *Na continuação do parecer anterior (doc. VIII), «Repartição» que fez Francisco Pereira ao expor os seus cálculos respeitantes a homens e mantimentos necessários à conquista de Fez. Especifica diferenciando o contributo dos corpos eclesiásticos, dos nobres, das comarcas; soma a gente de cavalo, os peões, a gente de ordenança e calcula os gastos.*

Lisboa, Biblioteca da Ajuda, *Códice* 51-VI-40, ff. 431-451. Cópia não publicada⁹.

Eu dei a cauza e rezões a Vossa Alteza por que devia passar em Affrica, agora as dou de quam bem o pode fazer sem nenhum seu gasto mais de ordenado que se gasta em Lisboa.

f. 432

Esse Turco que os venezianos ou todo o Le-|{Le}vante chama gram senhor se alcançou tão grande nome, foy por culpa dos Reys Christãos quando quer enriquecer, apregoa guerra, e começando de adereçar sua Armada, deita suas peitas e pedidos donde alcança grandes somas de ouro com o qual sem fazer nada as mais das vezes se fica.

Em que eu fallo no Turco bem se pode entender, em quem o tal fas ou asim o dispende que seria melhor ficar como Turco com todas essas peitas, este como infiel tyrano, Vossa Alteza como Rey Christão zeloso do serviço de Deos honra e acrescentamento de vosso estado nome e grande segurança de Vossos Reinos.

Que inconveniente sera por grande digo por tam grande serviço de Deos não serdes servido de vossos Prellados com sua clerezia e senhores e cavalleiros, com todos os povos? Qual sera o desleal Christão e mau homem que tal despeza estranha, pois não só as fazendas mas os próprios filhos se devem empenhar? |

f. 433

E bem aventurado será o que alli sua vida empregar, e quantos menos pedidos e peitas, ainda que por tal nome se não devem nomear, pois o não são senão santos e honrados serviços; mas quanto menos forem, de tanto lhes fas merce e por ella lhe devem beijar a mão como de lha dar de sua caza.

Que deixadas todo as outras rezões só hum anno de fome os despeita mais e lhe vende as fazendas e os desterra de suas terras do qual com a ajuda de Deos para sempre serão seguros, tam obrigado por herança e direita suceção de Vossos Avos que estes Reinos vossos aos Mouros ganharão, e com tantas e tão grandes necessidades as pasagens de Affrica sempre fizerão.

E se quiser olhar a primeira passagem da tomada de Cepta vendo hum Rey tão velho cançado das armas cheyo de Victorias, mingoado de todas as couzas necessarias para tão grande feito emprender, não tendo outra nenhũa necessidade della senão hũa gloria de fazer seus

⁹ Aplicam-se a este documento as mesmas observações que fiz na nota 7 respeitantes ao documento VIII.

f. 434 filhos cavalleiros, pellos não ver andar guarnecidos de simples prata como naquelle concelho se disse, | Boa e honrada ley: pondo em ventura de qualquer dezastre de fortuna que lhe pudera suceder, tanta honra tão bem guardada, couza bem para poder ser a que munto se devera olhar.

Quem não dira ser munto errado concelho tanto que se pode dizer que sem duvida foy misterio de Deos que inspirou no tal concelho para o que ao diante havia de suceder, para segurança e remedio das grandes necessidades destes Reinos tão bem ganhados e tam bem sostidos.

E não João Affonço que o deu, e ao concelho dice que já ouvira dizer que em Affrica havia hũa grande cidade a que chamavão Cepta que tão ignota era a Portugal.

No qual concelho o dito bom João Affonço se achara que eu o li neste tombo de Lisboa, ainda que por rudas palavras mas boa sentença que dice a El Rey que alli havia de despender seu tempo e não em festas de comer ou como Asno de Évora hum Janeiro atrás outro. |

f. 435 Lembro estoutro segundo Rey D. João que hum por boa e grande fortuna e outro sem ventura só por pessoa de grande Rey ambos merecem de ser lembrados, que na passagem de Arzilla nunca El Rey com seu Pay com elle (hum só filho herdeiro) podê que ficace em Portugal, ainda por alguns pronosticado que lá havia de morrer nam houve cadeas que o tivessem, e por não ir escondido como fugido o levou comsigo; não louvo o que fes, mas a vontade com que o fes hé munto para se louvar.

Se quizer olhar os inconvenientes que lhe podem dar nunca falecem a quem os quer buscar; peze senhor os inconvenientes que lhe puzerem com a honra e porveito de seus Reinos e as necessidades que delles se tiram e Córte o menos pezar.

Bem creyo que ninguem contrariara as minhas rezões e por ventura dira que lhe parecem bem, mas debaixo deste bem se buscam huns sofismos e se mistura a escamonea de que senhor munto se deve guardar vi tanta vontade e dezejos em vossa Alteza praza a Deos que lha acrecente, e que não ha- | {Ha}ja quem o estorve.

f. 436 Sede vos Senhor exemplo e espelho a esses Reys Christãos que tam tribullada e despeitada trazem esta vossa Christandade, com tanto desprezo de Deos que estão. são e se podem chamar perdas, e não as que tão santamente se gastarem.

E porque dice que sem despezas de sua Caza podia passar em Affrica, esta hé a gente que com elle há-de passar a qual com a mayor parte della se pode lá sosteer mezes e annos, não sendo para mais necesario que para tres mezes nos quaes com ajuda de Deos vera Fees pois elles dizem que quem o vir o tomara e assim se não for mandar-me cortar a cabeça ainda que seja munto fraco penhor a menos se aventurara quem o contrario apostar; pois estas contas a contento delas a quem as bem quizer tentar não tem nenhũa contradição.

Prellados e sua Clerezia |

f. 437 Se com mais despezas que o secular servir, não o devem de estranhar pois as heranças e rendas de Deos posto que as possuem não são suas antes como a recebedores ou despenseiros lhas dão, e assim as recebem para na tão sancta obra se despenderem onde se concluem todas as sete da Mizericordia.

E alem do serviço de Deos em serviço de seu Rey e honras de seu Reino que para isso lhes dão elles as tão grossas rendas, e não para estarem esbocados em seus Arcebispados e Abadias ao sabor de seus prazeres e porem Senhor a todos o vosso jugo deve ser suave, pois os Reys quanto maiz amados tanto mais temidos e servidos devem ser.

O arcebispo de Braga com seu Cabbido, em que há homens de grossas rendas duzentas Lanças.

O Bispo de Lamego com seu cabido que sempre serve sincoenta Lanças.

O Bispo da Guarda com seu Cabido sesenta Lanças. |

f. 438 O Bispo de Vizeu com seu Cabido Abadias e Igrejas cem Lanças.

O Bispado de Coimbra e seu Cabido cento e vinte Lanças.

O Bispo de Sifoes com seu Cabido sessenta Lanças.

Cepta, Cafim, Funchal e Tangere cem Lanças.

Cabido de Lisboa, Cabido de Évora cem Lanças.

Toda a outra clerezia e Abbadez.

Pombeiros	Alpendorada	Cete
Refoyos	Landim	Oliveira
Paço de Sousa	Tibães	Banho
As Aguias	Aguiar	Avellans
Ancede	Cedofeyta	O Corvoeiro
Palma	Villella	Cariacés
Zerzedas	Bristello	Paderne

f. 439 Quem se há-de lembrar de tantas couzas por esses bosques escondidas, Priors, | Vigarios, rocoeiros, e assim quatrocentas e tantas Vigairarias novamente dadas à ordem de Christo tudo juntamente com esses aveis que lhe a não por nada devião servir com mil Lanças.

Mestrado de Christus as sincoenta e tres comendas antigas e quatrocentas e tantas Igrejas emcomendadas e dadas em comendas, que a não levarem nada para lá sempre se poderam sosteer.

O Mestre de S. Thiago com Avis com a cavallaria dos Mestrados com seu estado quatrocentas Lanças.

O Duque de Bargaça com suas comendas trezentas Lanças.

O Marques de Villa Real duzentas Lanças.

O Conde de Marialva com suas Igrejas cento e sincoenta Lanças.

O Conde de Linhares sincoenta Lanças.

O Conde de Farão. |

- f. 440
- Conde de Tentugal settenta Lanças.
 - Conde de Penella trinta Lanças.
 - Conde de Vimiozo sincoenta Lanças.
 - Conde do Prado trinta Lanças.
 - Conde de Portalegre sincoenta Lanças.
 - Conde de Abrantes trinta Lanças.
 - Conde do Redondo trinta Lanças.
 - Conde de Monsanto trinta Lanças.
 - Conde da Feira trinta Lanças.
 - Conde da Vidigueira sesenta Lanças.

A vossa Corte com tantos Morgados e Senhores de Terras, e não deixo de saber que me dizem que há em seus livros cem mil moradores, e que sahem em rol mil e quinhentos.

Todas estas comarcas abaixo nomeadas devem perdoar que só em fallar nelas tão baixo me parece que as offendo, e não hé por não saber quam honradas e poderozas são, mas por não ser necessaria mais gente.

Comarcas de Portugal |

f. 441 Estremadura

A comarca da Estremadura, perdoe-me.

Lisboa que ella só bastara pois outrós feitos mayores já fes e Concelho de Santarem a quem foy feita tanta honra, com outras nobres Cidades e Villas quatrocentas Lanças.

Antre Tejo e odianna

Antre Tejo e odianna bem sey que só em Beja há mil e quinhentas Erdades emcabeçadas e em cada hũa, ou mayor parte dellas, há hum de Cavallo fora os filhos e Lança de trinta palmos, e asim sey a cavallaria de Evora, Elvas, Olivença, Estremoz, e outras mil munto grandes Villas e Cidades, que em cada hũa as pode haver, mas porque fique quem quizer pois Louvado seja Deos, gente de Cavallo e toda outra sobeja quatrocentas Lanças.

Beira |

- f. 442 A Beira bem sey que passa de cem mil fogos com muntas honradas Cidades e Villas e munto nobre gente, cento e sincoenta Lanças.

Antre Douro e Minho

Antre Douro e Minho, já o andei e sei a grande Cavallaria que nelle há e quantos livros são cheyos das suas grandezas e abastanças, mas porque todos vão com ramos verdes sento e sincoenta Lanças.

Tras dos Montes

Tras dos Montes com munto fortes Villas e Cidade com que só a caza de Tavora sohia de servir, cento e sincoenta Lanças.

Algarve

O Algarve, e matar-me-ão se o souberem, com suas honras e pre-zunções cento e sincoenta Lanças.

As Ilhas |

- f. 443 As Ilhas da Madeira da qual sae a qualquer rebate de Safim duzentos de cavallo, cento e sincoenta Lanças.

São Minguel em que há mais de duzentos de cavallo cem Lanças. São Jorge Fayal, Gracioza Santa Maria, as Flores, o Corvo e o Pico, cento e vinte Lanças.

O Fogo, São Tiago donde cada anno se tirão duzentos e sincoenta e trezentos cavallos para Guine munto bons para Guerra sincoenta Lanças.

São Thome em que há muntos homens e muntas grossas fazendas qua-
renta Lanças.

Em Affrica mais se podem tirar de seiscentas Lanças ficando os Lugares guardados pois lá hão-de ter costas para não arrecearem cerco seiscentas Lanças. |

- f. 444 Soma toda a gente de cavallo sete mil e cem Lanças.

E se Vossa Alteza quizer haver grande soma de dinheiro defenda que não vá mais gente desta ordenada, e das licenças houvera quanto ouro quizer, e se ahi ainda há Portuguezes, e de todos estes itens tirando a Clerezia e comendas ninguem não vá constringido, e quem quizer ficar pague como povo, e fique para roim que tal sera elle mas não creyo que houvera Portugues que tal faça.

Com os quais sete mil e cento de cavallo dando a tres piaens por lança que tal haverá de quinhentos e muntos de duzentos e cento, que ao menos que pode vir hé a quatro por Lança, em que montarão vinte mil e tantos os mais que sejam espingardeiros.

Des mil homens de ordenança munto escolhidos entre todos em todo o Reino, e que tivesse mais não os levaria com mais arcabuzeiros e espingardeiros. |

- f. 445 Do que requiere a ordenança porque para a que lá guerreia asim me parece que sera necessario, pagos por sinco mezes a cruzado por mes para seus mantimentos, montão sincoenta mil cruzados e se eu prestar para Coronel desta gente ou são para isso, a isso me offreceo ou a qualquer outro serviço, e quanto de mayor trabalho ou mais prigo, mais merece receberey.

Os quais des mil de Ordenança com os vinte e hum mil da pionagem fazem trinta e tantos mil que eu seguro que passem de quarenta sem a gente de cavallo e de pee que de Castella há-de acudir, que a ossadas que de Taverneiros não haja falta.

Os quais quarenta e sinco mil homens, porque os conto mais largo, e sete mil e cento de cavallo contando a des homens alqueire de trigo por dia e meyo de cavallo fazem outo mil alqueires por dia que são quatro mil moyos por mes, que para quatro mezes, que hé asas de tempo, mon-

f. 446 tão dezaseis mil moyos con- [tando o gas] | {Con}tando o gasto de toda a hoste o que não há-de ser porque ao menos a metade desta gente há-de levar mantimentos como sempre se fes, e gram parte há-de vir de fora.

Pois já essa Andaluzia pello que lhe cumpre e por quanto o dezejão há-de ter saca e quando o não houvesse pello munto que ganharião com a segura e curta passagem furtando o trarião, mas inhumana couza seria em tal tempo se tolher.

Mas eu não faço toda a conta senão de seus Reinos e Senhorios que fazendo a de fora dali se pode tirar, e assim de negro ponto e de outras partes que creyo que sahira a tam bom preço e com menos rigoridae que sera munto pouco de fazer, e partindo logo para o comprar no novo.

f. 447 E porem em Arzilla pois nosso Senhor mostra começo de tão boa novidade os quais dezaseis mil moyos com a gente e cavallos que dessas Ilhas e com | A passagem há-de alijar ficarão mayor saca e também tirados de Portugal sincoenta mil homens e des mil bestas não haverá necessidade de pão de fora, e hé munto certo que se tal for, nosso Senhor acrescentara a novidade, e levemente se poderão tirar os ditos dezaseis mil moyos ficando saca para a Ilha da Madeira e ainda para onde for mais necesario.

Os quais comprados a mil reis (*sic*) o moyo que hé o preço costumado no novo hé sempre a outocentos reis (*sic*), mas eu dou-lhe a boa vallia, quanto mais que para o tal tudo se deve comedir, e mais em anno que há-de haver tão pouca saca, e contando a trezentos reis (*sic*) de frete sae a mil e trezentos reis (*sic*) o moyo, que fazem de custo postos em Arzilla sincoenta e dous mil cruzados.

f. 448 Os quaes sincoenta e dous mil cruzados com os sincoenta da ordenança fazem cento e dous mil cruzados, e com maiz quarenta e outo que por todos se refação cento e sincoenta hé munto justa rezão que os vossos povos com munto livres vontá- | {Vontá}des contribuam.

Entrando tãobem os Christãos novos que sempre bem e liberalmente folgão de servir com suas fazendas, quanto mais que para tão sancta empreza repartidos por quem o melhor souber fazer que bem lançados serão leve carga que não pode ser mais honrado cazamento nem melhor lança para Portugal.

Os quarenta e outo mil cruzados que dos cento e sincoenta sobejão, vinte e sinco para as embarcações, e os vinte e tres que ficão para a munição da artelharia e da carretaria, da fradagem com todas as outras couzas necesarias à munição de tal exercito que as barreduras da caza, e as aparas do Reino suprirão o que aqui falecer.

f. 449 Para guerra guerreada não há ahi duvida que da Mamorra onde hé o campo de Azagar hé a verdadeira conquista de Fees, mas para passagem | Real estrada coinbram de Arzilla e Alcacer e a Jazem que será tão segura como estoutro de Coimbra.

Se a passagem for em Abril escuzara todo o mantimento das bestas pois a culha supre por cevada mas a mim me parecia bem desembarcar em

Agosto onde achará as novidades recolhidas que elles recolherão para nos.

E os dezaseis mil moyos que asima digo hirão para se não haverem mister poiz com a ajuda de Deos há-de senhorear a melhor terra, e flor do pão do mundo que so hũa aldea de Alcacer bastara a quantos forem.

f. 450 Eu ouvi que no anno de vinte e hum forão abertas covas de sincoenta moyos, de sincoenta annos, se he verdade eu me reporto ao Miranda mas não o duvido que so o campo de Azagar arranhado como o elles lavrão hé bastante para abastar toda a Espanha.

Senhor por amor de Deos que não queira | Perder hũa honra tão grande e tão ganhada, hũa couza feita que não hé nada de fazer, e não creya quem o contrario lho dicer que não hé Portuguez, mas o Diabo que falla delle para poder soster as mesquitas e as sodomias de Fees; e bem vejo que nome tão aborrecido diante de Deos se não deve nomear ante Vossa Alteza mas a furia o fas fazer por onde se deve perdoar.

f. 451 Estas diferenças que entre elles há que são senão avizos de Deos em que lhe desperta o Seu Serviço, que Louvor de Deos que Gloria de Portugal (e mais nestes tempos onde a Christandade vay como Deos melhore) seria ver celebrar hum Pontefical com tanta alegria com choros de prazer naquella tão grande mesquita que alli seria elle vardadeiro Pontefical onde pello Infante D. Luis Vosso Irmão e vosso Condestable Vossa Alteza fosse armado cavalleiro que só para a couza tão necesaria e obrigatória se devia de fazer esta passagem ainda que fosse com mayores despezas. |

Que se El Rey D. João por onde se chamou de boa memória foy buscar Cepta, couza que parecia quazi impossivel, só por fazer seus filhos cavalleiros pondo como já disse tanta honra em a ventura que se espera, e se deve de fazer por sua real pessoa, que bom renome de boa memoria se ganharia por nome, e por sucessão já ganhada, que fama que seguro descanso e fartura de seus Reinos.

1535, Janeiro, 7. Lisboa. *Em resposta a carta do Rei, parecer de D. Fradique Manuel considerando inerente à honra do rei e dos portugueses e à preservação do culto divino a conservação dos lugares de África. Com esse objectivo não há que poupar esforços nem despesas e o rei deverá contar com o serviço de todos os vassallos.*

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Filmoteca, *Corpo Cronológico*, P. I, M. 54, D. 43. Transcrição do original¹⁰.

Senhor

Ho primeiro dia deste mes de janeiro me deu Simão de Seixas hũa carta de vossa aLteza sobre cafym e azamor e outras cousas de seruiso de Deus e seu. çerto Senhor vossa aLteza me faz muito grande merçe em me dar parte de cousas importantes a seu serviço e nelas me mandar que diga meu parecer. e sem desculpa do que me falta de saber e espirrencia pera nelas ter aquele que eu desejo, o farei, pois mo vossa aLteza manda.

Ho primeiro que vossa aLteza diz, se sera seu serviço leixar as ditas çidades ou algũa delas ou se ficaria em algũa delas ou em ambas for-taleza Roqueira, meu parecer Senhor he que elas se ssostenhão e se não desfação ainda que hi aija tanta neçesidade de gente e dinheiro pera a defensão delas como parece. A primeira Rezam por serem ganhadas por el Rei voso padre que deus tem com tam grandes gastos e despesas que nom s'espera que hum principe tam cristianysimo as fyzese baldias e mais donde s'aventurauam tantas vidas de caualeiros seus vasaLos; e quanto o ganhar delas foi de mor contentamento do que he soste-las, tanto ey Senhor que ho conserva-las sera a vossa aLteza de mor honRa, e quanto a isto tenha mor hobrigaçam que todoLos outros principes da cristandade de sosterem ho seu, parece-o craro, poLo que de parte de vossa aLteza esta. e depois por ver os Reys destes Reinos de que vossa aLteza deçende, com quanto menos os lugares d'africa ganharão e nem por conquystar o alheo perderam nem leixaram nunca o seu. E se se diser como he verdade que vossa aLteza tem muy mores gastos e despesas asi na conseruaçam da india, myna, ylhas e pouoacam do BrasiL pera que se Requerem muy grosas armadas, poder-se-a pola uentura a isto Responder que se os taes gastos ou Alguns deles não são de proueito se leixem, e se o são que o tal proueito tem ynda mais vossa aLteza d'auantajem, he que, se a

¹⁰ Procedi à numeração das folhas, de 1 a 3. Existe uma cópia deste texto, em letra cursiva ao que suponho do século xvii, no *Códice* 51-VI-40, ff. 155-159, da Biblioteca da Ajuda. Apresenta algumas variantes tanto na sintaxe e ortografia das palavras como na escolha de termos derivados ou mesmo na sua substituição: É o caso, a título de exemplo, quando emprega a expressão «sabedoria e experiencia para» em vez de «saber e espirrencia pera» ou a palavra «principal» em lugar de «primeira».

[f. 2] conseruaçam das taes cousas he poLo que a seu estado conpre, que ha d'africa esta diante; a quaL he de tanta honra a vossa aLteza | he ao nome dos purtugeses que quando se ouvese de leixar algũa cousa do nela ganhado segundo meu fraco juyzo ho devia ser quando nenhum remedio ouuese de a soste; he ynda antam eu Senhor diria que se uyse primeiro s'era mais seruiço de deus e de vossa aLteza tirar alguns outros gastos ynda que paresesem neserarios por com eles se soprirem estoutros.

he ho poder do xarife nom hei por fraca Rezam pera se deuer soste çafim e azamor, pois leixa-las pareseria forçado e com necessidade que ynda aos naturaes se nam deue de todo mostrar e sendo dos ynmygos sentida com Rezão parece que se nom deueria contentar com so o que lhe leixasem.

E mais Senhor que ho que nysto seria mais d'olhar como he muy certo que vossa aLteza fara, he aas ygrejas e cousas sagradas que nas ditas cidades estam donde se o ofiço diuyno continuamente celebra as quaes cousas se he caso fortuyto muda-las em outras quanto mais o seria leixa-las aos mouros que com tamanho seu gosto e vituperio da fe poderiam delas usar a sua vontade, e lhes daria ousadia pera mores cometimentos ao que tanto se deue aver Respeito que nenhum trabalho fadiga nem despesa, nem a propia vida, a meu juyzo, de deue a iso antepor. ho que somente Senhor diria he que se as ditas cidades tem alguns combates que se posam atalhar, ou elas em si sam tamanhas que ho ajam myster, se faça; porque fortalezas Roqueiras nom escusando socorros como parece que nom escusarem sendo cercadas ey Senhor que seria mor o gasto e detrimento de desfazer o feito que o proveyto que se diso tiraße, quanto mais que nam sej ao presente quanto menos gasto seria nem vejo a certeza que hi aja de ao diante ho ser.

[f. 3] Hao mais que vossa aLteza diz per onde com ajuda de noso Senhor fara sua entrada naquela terra pola eu nam saber nem ynda achar de quem me pudese bem ynformar, por hum parecer geraL diria que fose por onde ao taL tempo fose mor a Resistência, vista | a multidão dos mouros que parece mais averem de ser vencidos por medo e espanto que por ferro, saluo se as agoas e calidade da terra o taL caminho nam ympidise e nem por ser pelo Reino de fez seria meu parecer que çafim e azamor se leixassem polas Rezões que dyse.

E porque pera a defensão destas cidades vistos os muy grandes gastos presentes de vossa aLteza que são muito mores do que eu pudera cuidar os que como leaL vasaLo e feitura de vossa aLteza nam pouco senti e he muy justo seruirmo-lo, heu nam sei a maneira de que seos vasalos com iso mais folgaram, sei porem que ho devemos fazer e vossa aLteza por fazer merce a todos parece que deue querer que as cousas que soiam a ser pera prouimento dos lugares d'alem o sejam, he com ysto e com os gastos que se per esta terra diz que vossa aLteza tira, eu nom sinto quem

nom folge e com Rezam s'escuse de nisto o seruir, sei Senhor de mym que sem yso o farei nam somente com a fazenda mas com mynha peçoa na maneyra que vossa aLteza d'ũa (?)¹¹ e d'outra cousa ho dispuser e nom cuide que tem vossa aLteza vasaLo em que nom aja esta vontade. e noso Senhor a uyda e Real estado de vossa aLteza garde por muytos anos. de lisboa a 7 de janeiro, 1535.

Dom Fadrique manuell

¹¹ Optei pela forma «d'ũa» na transcrição desta expressão de difícil leitura, aproximando-me menos da palavra «ordenar» transcrita nas *Sources inédites*, Port., T. III (Paris, 1948), p. 21, e mais da interpretação dada pelo copista do códice da Biblioteca da Ajuda, cuja frase diz o seguinte: «com a minha pessoa da maneira que Vossa Alteza de hũa e outra couza o dispuser» (f. 159).

XI

1541, Março, finais, ou começos de Abril. Lisboa. *Num contexto agravado pela perda de Santa Cruz do Cabo de Gué, D. João III solicita aos seus conselheiros um parecer escrito antes de fins de Abril sobre a sua futura actuação e a melhor forma de travar o poder crescente dos Xerifes.*

Publicado por Álvaro Pires de Távora, *Historia de Varoens illvstres do appellido Tavora*, Paris, 1648, p. 10¹².

Ev vos disse, os dias passados que tinha mandado prouer no socorro de Azamor e Mazagam, ve nos (*sic*) [e vos] pedi vossos pareceres no que mais deuia fazer nisto, e tambem vos disse que depois vos diria o principal para sobre isto tomar vossos pareceres, agora que está ia tudo prouido conforme ao conselho que me destes e mais largamente, nam quiz que ouuesse dilaçam algũa em praticar isto comvosco, para logo se por por obra o que se ouer de fazer. vos sabeis o como passou este acontecimento do cabo de Gué de que Nosso Senhor foi seruido, e entendereis bem quanto eu estou obrigado por seruiço de Deos e minha honra a acudir a isto como conuem a minha e vossas honras, e sabeis o grande poder que estes Xarifes vam acrecentando, e quanto se deue atalhar antes que mais creça. e porque me pareceo melhor pedir-uos vossos pareceres do que em tal caso deuo fazer, que declarar-vos primeiro minha vontade, muito vos encomendo que cuideis e me deis vossos pareceres por escrito a derradeira oitaua de Pascoa, e muito folgo de vos encomendar que cuideis o que deuo fazer em guerra de Mouros nestes dias de somana santa que tanto obrigam a sentir as offensas que se fazem contra Nosso Senhor e sua santa fêe, e em Azamor e Mazagam vos falarei, se pella noua que vier for necessario.

¹² Existe uma versão muito próxima a que Frei Luís de Sousa terá tido acesso de umas Memórias de Lourenço Pires de Távora (de certo o mesmo original que serviu à compilação da *Historia de Varoens*), e que transcreveu nos seus *Anais de D. João III*, vol. II (Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1938), p. 180. Do seu comentário deduzi a datação e tratar-se de um registo oral. Nas *Sources inédites*, T. III, p. 377, fez-se coincidir estas palavras com a Semana Santa (de 11 a 16 de Abril de 1541) referida no texto.

1541, Abril, entre meados e finais. Lisboa. *Em resposta ao pedido do Rei, parecer de Cristóvão de Távora considerando como objectivo primordial vingar a ofensa à honra do Rei de Portugal. Havia que aproveitar circunstâncias favoráveis entre as quais a aliança que lhe oferecia o Rei de Fez, intervir com um grande exército ou instalar de imediato uma poderosa força militar que iniciasse uma guerra sem tréguas aos Xerifes. Contaria o rei com o serviço dos Povos e do Clero para destruir o poder crescente daqueles e, com isso, salvaguardar posições e travar as contínuas despesas.*

Publicado por Álvaro Pires de Távora, *Historia de Varoens illustres do appellido Tavora*, Paris, 1648, pp. 10-13.

Senhor

Nam ha nenhũa cousa tam clara, a qual posta em conselho se nam achem muitas opinioens em contrario, e portanto nam he de espantar se na determinaçam do que se deue fazer neste caso em que nos Vossa Alteza mandou cuidar ouuer diferentes pareceres. mas bem creo que nenhum desuair em o acontecimento do cabo de Gué ser desastre com que os inimigos ganharam credito e presumçam mui grande, e nos parece a perdemos com elles, e com os amigos e Vezinhos a que cumpre muito mostrarmo-nos mal sofridos, e assi nam duuidaram desta Vitoria ficarem os Xarifes melhor obedecidos de todos os Mouros, e perto de os quererem por senhores de ambos os Reynos cousa a Portugal tam danosa. E nos em condiçam de muitos trabalhos, e isto em que mal pecado nam ha debate confessado, quem negará nam ser necessario satisfaçam à honra de Vossa Alteza e mingoa deste Reyno? e posto que o passado seiam acontecimentos de guerra e da ventura que outras muitas cousas traz como esta, nam quizera eu que se começara em nossos dias o que os outros Portuguezes nam viram, posto que eu creo em Deus por cuja permissam se faz tudo que ordenaria isto para que a razam de nos Vossa Alteza vingar fosse causa para toda Africa ser destruida, onde elle he tam desseruido, e vos senhor serdes começo e exemplo para os outros Principes Christãos inueiosos de tam santa empresa tornarem a por os termos à Christandade, ao menos por onde se devia, e tornarem a casa de Deos e a tanto Pouo Christã (sic) a sua liberdade. nam deixo de cuidar que nam faltará neste nosso conselho quem diga nam estar Vossa Alteza em tempo, pellas necessidades e diuidas de sua fazenda, para cometer esta empreza, e outros, que tomado Marrocos se nam ganha pois se nam pode soster, e que o Xarife receberá pouco dano, porque se recolherá dentro à serra. quem ha estes por principaes inconuenientes, ou nam cuidou nisso, ou está atado a alguns seus proprios respeitos, pois nam tem por muito mais principal a honra de seu Rey, na estima e credito da qual nos vai a todos tanto, que pello menor ponto della se deue aventurar tudo, quanto mais que com pouca ventura se fará hũa mui famosa Vingança, e se acrecen-

p. 11

tará tanto na honra e nam duuido que no proueito destes Reynos. e vindo às duuidas (*sic*) de Vossa Alteza onde podem fundar suas impossibilidades, nam lhe posso negar que folgara ver na casa da India sinco ou seis contos de ouro para se fazer isto tam folgado como elles querem, mas que remedio se dará a estas diuidas por agora melhor que tam justa causa de deuer para desfazer o escrupulo que Vossa Alteza terá de as nam poder pagar, quanto mais que ellas e as necessidades do Reyno ham-de crescer cada ano em dobro, pellos rebates e medos em que nos ham-de por cada ano estes Xarifes, afora o desassossego em que sempre viuiremos, se o gasto, que de força ha-de ser continuo, se nam empregar todo iunto em hum exercito bastante para vingar o passado e desfazer-lhe o poder, quebrando a oufania e esperanças que elles agora teram. e de deixarem Marrocos e acolherem-se a serra, nam parece razam, e parece mau conselho, porque nam sendo elles Reys naturais, os alarues que soham andar em Cabildas e viuem no campo, se viram todos logo para quem for Senhor delles, e com este receo e por nam perderem o credito com que se fizeram Senhores e atreuidos pello acontecimento passado, nam duuidaram offerecer batalha, ou dar mostras della ao exercito que lá for; na qual cousa com a ajuda de Deos está nossa Vingança e sua tal distruçam mui certa; e se deixarem Marrocos sem peleiar, que he o derradeiro inconueniente, quem diz que se faz pouco destruido tambem Trudante onde ha os interesses que dizem, e será agora tam celebrada nossa ofensa e o nome Christão tam escarnido, entregar esta Cidade de Marrocos a el Rey de Fez que será causa de continua guerra entre ambos em que se desfaram seus poderes tanto de recear se hum delles ouuer tudo, o que se nam pode escusar se Vossa Alteza nam acóde a Fez. deseio ia saber o remedio que daram a quantos trabalhos se esperam os a que nam parecer bem tomar-se concluzam com estes Mouros. creio que diram que se dissimule tamanha deshonra, e para defensam daquelles lugares, roguemos gente estrangeira. Terei paciencia, pois tenho idade para sofrer, mas que faremos aos sobresaltos em que viuemos esperando cada dia per noua que faça lá hir todo Portugal a repique, e contentar-se com ter-se muito despendido e chegar a tempo de socorrer, que talho se dará aos gastos de cada ano e aos mais receos que se esperam, e Deos estorue, de Mouros que se fazem tam podero- |

p. 12

so que para o ano que vem será necessario se os assi deixam aconselharmos a Vossa Alteza que se faça forte no Algarue e deixe Africa? que desculpa se dará, pois a tudo se deue auer respeito, sentindo Vossa Alteza tanto este desastre do cabo de Gue como era razam e conuinha a Rey Christianissimo nam acudir à satisfaçam de sua honra a obrigaçam da qual se pode julgar pello sentimento do ofendido? e sabendo-se quasi em toda a Christandade, saber-se-ha entre os Mouros que tem Vossa Alteza proposito e determinaçam de vingar esta ofensa. e estoruando-se, quem dirá senam que nam pode, e isto ainda quem lhe bem quizer, que he assas danosa desculpa a quem conuem fazer-se temer dos inimigos e ter-se em muito dos amigos, e com esta opiniam ha-de

sustentar tam grandes empresas repartidas por todo esse mundo. pellas quaes razoens todas e necessidades nam tam somente parece necessario mas forçado tomar-se esta empresa em destruir estes Xarifes, da qual cousa parece que Deos he seruido, pois nos poz de todo em necessidade disso e ordenou que nos peça o mesmo Rey de Fez, e nos offereça tam boa ajuda como sam mantimentos e sua gente que nos fara para isso o seu campo seguro, e pella outra parte os apressara muito, e sam tam amigos que com os arrefens que dizem que nos daram nos podemos bem fiar delles. e Deos seja louuado temos boas nouas da India, paz e liança nas outras partes, nam se deuem deixar perder tais conjunçoens. e para tam necessaria e santa empresa ajudem-uos Senhor os vossos Pouos e Clerezia, e os mestrados poderam nesta guerra pagar a obrigaçam em que sam a profissam de suas ordens, e he a gente Portugueza tam dezeiosa de seruir seu Rey que nenhum outro poderá soster hum campo com menos sua despeza. e se o veram e outros apercebimentos necessarios nam dam lugar para este ano passar exercito grande, parece cousa muito importante para o que ha de ser pôr duas mil lanças iuntas em hũa dessas fronteiras do Xarife onde melhor parecer as quais seram da despeza das fronteiras de Fez e destoutros lugares com as que mais minguarem de Portugal, e desta maneira a mais parte da despeza de Africa iunta em hum lugar com hum Cappitam em que bem caiba a governança de tanta gente poderam com ajuda de Nosso Senhor que escolhe a Vossa Alteza para Ministro da Vingança da honra de sua santa fée, e com a amizade d'el Rey de Fez, fazer muita guerra e experimentar o que se naquellas partes pode fazer; e com os Mouros de Fez verem esta ajuda e determinaçam de Vossa Alteza com a esperança da qual os sostem esse seu Rey, nam se leuantaram contra elle para entregarem o Reyno ao Xarife, o que nam sei como ia nam he, segundo os Mouros sam de Nouidades e seguidores da boa fortuna.

p. 13

O que tenho dito se nam for bem julgado de quem o melhor entender, os dezeios de ver este Reyno descansado, e a fama e honra de Vossa Alteza acrecentada, mo fariam assi cuidar e deue-se esperar de quem está no derradeiro quartel de sua Vida, que estará livre de respeitos, e sem elles aconselhará em cousa de que nam pode deseiar para si outra cousa melhor que acabar nella, e para Vossa Alteza muitas com que faça seu | nome immortal seruindo a Deos; E estes Reynos livrará de continuas oppressoens. Nosso Senhor o traga em conhecimento do que for mais seu seruiço.

XIII

1543, após Março. s. l. *A pedido do Rei em Almeirim, parecer de alguém experiente na guerra de África que, contrariando a maioria dos conselheiros, considera os reinos de Fez e de Marrocos, em relação à Índia, uma conquista a prosseguir porque mais proveitosa em riquezas naturais e possibilidade de tributos, mais fácil de socorrer e proporcionar um crescimento de vassallos, para lá do que significaria em termos de honra e de fé. Dever-se-ia, portanto, sustentar todas as posições e, aproveitando conjunção favorável, intervir e dominar.*

Lisboa, Biblioteca da Ajuda, *Códice* 51-VI-36, ff. 174-204. Cópia não publicada¹³.

f. 174v Mandou-me Vossa Alteza que lhe desse por escripto as razões que em Almeirim lhe tinha | {lhe tinha} ditto de palavra sobre se proseguir a conquista de Africa e certo senhor que mais facil me fora hir-vos servir nella com minha pessoa como athe agora o fiz que deffende-lla com razões por escripto porque como sabeis os Vossos Portugueses mais aprendem a faser com os braços que não a fallar com a lingoa, Pello que temo que por falta minha perca esta cauza o que na Verdade merece; mas Vejo tam clara a razão por sua parte que me parece que a Evidencia della fiquará suprindo meu deffeito.

f. 175 Dizem vossos conselheiros que Visto o poder deste Reyno e conciderada a grandeza e distancia das Províncias da India e Africa que empredeo para conquistar he impossivel poder substentar e proseguir tantas conquistas, pello que parece necessario que se deixe huma dellas por não perder ambas e que a que se houver de conservar seja a que possa dar mays proveito e se sustente com menos trabalho; e assim como todos tem este parecer por acertado, assim differem muitos em julgar qual destas conquistas he a que | se deve de proseguir. Porem Vejo que os mais delles aconselhão a Vossa Alteza que deixe a conquista de Africa e se prociga a da India engrandecendo o crescimento que tem Vindo a vossas rendas e vassallos com o comercio della a facilidade da navegação e a pouca gente que he necessaria para se sustentar, e que pello contrario a conquista de Africa se não pode fazer sem assistencia de pessoa real com grandes exercitos e com muitos gastos e que finalmente nos não pode dali vir nenhum proveito.

Estas Senhor são em soma as razões por que se movem contra esta conquista as quaes são de sorte que posso dizer que nunca outras semelhantes forão ouvidas no vosso real conselho, porque desde o tempo de

¹³ Este documento e o seguinte (xiv) integram-se no antigo *Códice* 51-V-32 da Biblioteca da Ajuda. Sobre a data encontrada para ambos, *vide supra* «Problemas de datação e de divulgação dos textos». Otilia Fontoura utilizou estes documentos, copiados em letra cursiva ao que suponho do século xvii, e transcreveu-os na sua dissertação de licenciatura a pp. 250-278 e 279-291.

Para a presente publicação procedi a nova transcrição a partir do manuscrito e fiz uma diferente leitura de algumas passagens, completando, quanto possível, outras.

f. 175v El Rey Dom João o primeiro de boa memoria passou à tomada de Cepta athe o presente não houve Rey nenhum neste Reyno que não tivesse por seu principal intento levar esta conquista por diante, e nunca se tratou | se era bem larga-la, senão dos meyoys com que mayores forças e labor se poderia proseguir; e isto somente bastava para se não duvidar ser boa tal empreza; Porque o que aprovaram os grandes entendimentos de El Rey Dom João, o primeiro, Dom Duarte seu filho do Infante Dom Pedro seu Irmão, Dom Afonso o quinto, Dom João o segundo e de El Rey Vosso Pay que Deos haja não parece que pode ter duvida; mas porque se veja com quam pouco fundamento se contradiz esta empreza, responderei às razões que os da parte contrária allegão, donde mostrarei se me não engano Largamente que todas ellas procedem na conquista da India, e quanto nos convenha somente a de Africa.

f. 176 A principal razão em que se fundão os que tanto trabalhão que se deixe esta conquista, he em o pouco proveito que della dizem nos vem, nem pode vir, e no muito que Vossa Alteza gasta em sustentar estas Praças. Porem os que em Africa estiverão e virão as grandesas | desta Província, e quanto excede em tudo às melhores e mais ricas de Europa mostrão bem quam enganados estão os que isto affirmão. Mas porque neste ponto he o principal debate dos da parte contraria, que de continuo andão apre-goando a grandeza de Africa e a riqueza da India, Será bem que vejamos isto mais devagar, porque acabemois hum dia de mostrar claramente quanto errem e se enganem os que chamão a Africa pobre. E para que em tudo procedamos igualmente com os da parte contrária, é necessario que tomemos a conquista de Africa por todas as Províncias e Praças que Vossa Alteza nella possui porque na conservação da Empresa comũta consiste o bem e augmento de todas as particulares pello que também com razão os da India tem Ormuz na Persia, Malaca fora do Ganges e as Ilhas de Maluco, e todas as mais praças desse Oriente por conquista da India.

f. 176v Supposto isto havemos de considerar que para hum Reyno ser riquissimo convem que | {que} tenha duas couzas: frutos da terra e gados em abastança para mantimento dos povos, sem que lhe seja necessario esperal-os de outra parte, e minas de diversos metaes assim precizos (*sic*) como vulgares para os comercios das gentes e uzos necessarios da paz e da guerra. Estas couzas todas tem os Reynos de Berberia em grande abundancia porque sendo tão grandes Províncias os Reynos de Fez e Marrocos, não somente dão pão para sy, mas ainda em tanta quantidade que se pode trazer pera fora da terra por mercadoria grande cópia delle; e as creações que ha de gados grossos e miudos são infinitas, donde se colhe grande quantidade de lans finissimas. Ha na terra muito algodão muito mel, muito assucar e abunda de todos os fruitos com que a natureza pode fazer uma Província ditoza, sendo assim que os Mouros não são nada cultivadores da terra, mas he tambem o clima e natureza della que quazi sem ser cultivada dá tudo em grande abundancia. As minas de ouro de Figuiriri ou Tivar são muitas e | {E} dellas continuamente trazem grande copia de

f. 177

ouro a Marrocos, de que são boa testemunha aquellas tam nomeadas maçans que estão postas sobre a Mesquita mayor, e deste ouro se batem todas as moedas que correm naquelles Reynos, e nos montes claros ha grandes sinais de minas deste mettal que por negligencia e perguica dos Mouros se não cavão e por todo este Reyno ha muitas de prata, cobre e ferro em grande número. sendo logo isto assim como se pode chamar pobre a terra que todas estas couzas de seu?

f. 177v Pois quanto às outras conquistas de Africa se são de proveito ou não, digam-no as Vossas rendas e a falta que faz neste Reyno o cofre da Mina o anno que por cazo não vem. Porventura os Vossos Cruzados e Portuguezes de ouro que tam nomeados são pello mundo e tam buscados dos estrangeiros trazem-nos da India ou dá-os Africa? Mais espantou ao Embaxador do Malavar a Nao da Mina carregada de ouro que lhe mostrou o Almirante | Dom Vasco da Gama no Cabo Verde, que todas as grandezas que neste Reyno tinha visto, nem as grandes Armadas que à India passarão; e no tempo de El Rey Vosso Pay foy tanto o ouro que destas partes veyo a Portugal que não havia quem quisesse trocar moedas neste metal; e nenhuma couza fez este Reyno grande se não com o ouro de Africa. Com elle fez El Rey Dom Affonso quinto as emprezas de Berberia e intentou a conquista de Castella, Com elle alcançou El Rey Dom João o segundo o nome de grande e teve Largamente com que poder mostrar sua magnificencia e com elle finalmente se trazem as mesmas drogas da India a este Reyno. E se Vossa Alteza deu ao Emperador Carlos noventa e cinco mil cruzados com a Infanta Donna Izabel sua Irmãa que foi o mayor dotte que nunca se deu a Principe Christão não foram em especarias se não todos em moedas de ouro que a Mina deu. Pello que digo Senhor que assim a vosso estado como a todo este Reyno não convem emprehender | outras conquistas mais que as de Africa porque se o proveito faz ser boa a conquista, nenhuma o pode dar mayor que esta, porque nenhuma mercadoria val tanto como o ouro; e as fontes delle sabemos todos que estão em Africa. E isto querião ja significar os antigos nos thezouros Athlanticos e nas maçans de ouro do Horto das Esperides, tam nomeadas pellos poetas que por esta cauza fingião estar nesta parte. E por esta mesma occasião disserão os Gregos que a meza do sol estava na Ethiopia dando a entender ser toda esta terra huma pasta de ouro a que quizerão pôr nome mesa do sol porque a este Planeta attribuião a criação deste mettal.

f. 178v Mas que farei Senhor, que se rim Vossos conselheiros quando lhe dizem que da conquista de Fez e de Marrocos tiraremos muito trigo, como se fora isto Mercadoria de pouca consideração para este Reyno, sendo assim que só por esta cauza nos era de grandissima importancia. Porque se bem conciderarmos huma das mayores faltas que este Reyno | padece he a do trigo, que ou seja por a terra o não dar por não ser toda de qualidade para isso, ou por não ser cultivada, ou por outras causas a nós occultas continuamente estamos em falta delle, principalmente nos

Lugares marítimos como Lisboa e nos mais portos do mar. A esta Falta nos acodem os Francezes e os flAmengos, com os mais desses mercados do Norte e nos provêm de pão. Porem temos duas perdas em contratarmos com elles, huma o muito que comnosco ganhão pois nos trazem huma mercadoria muito barata e no-la vendem a muito mayor preço do que lhe custa com o que nos Levam o nosso ouro que he mercadoria perpetua e nós ficamos com huma que Logo se gasta; De modo que deste comercio Vão elles sempre ricos e nós ficamos de cada vez mais pobres. a outra perda he que lhe fica em sua mão porem-nos em cerco e matarem-nos à fome cada vez que quizerem ou Vossa Alteza tiver differença com os seos Princepes. Porque se deixarem de vir forçadamente padeceremos grandes necessidades e apertos, e ainda sem esta occasião | nos vemos nelles muitas vezes, quando ou por maos tempos ou por outro cazo nos tardão suas Vrcas. Pello que convem muito que tenhamos de nossa conquista e em nosso poder o remedio deste mal, o qual de nenhuma parte nos pode vir com mais facilidade nem mais barato que de Africa, porque a navegação he muito mais facil e muito mais perto e pella quantidade do trigo que nella ha virá a ser muito mais barato e o que he melhor que todo o ganho que então nisto houver ficará sempre entre Vossos Vassallos e não estaremos dependentes da cortezia de nenhum Estrangeiro para lhe sofrer por isso mil afrontas e injurias que nos fazem cada dia por esse mar, sem por esta cauza ouzarmos a nos satisfazer dellas. Veja Vossa Alteza agora se he isto proveito e se tem razão os que engrandecem a India de zombarem do trigo de Africa? Como se nos fora mais necessario o cravo e a pimenta sem os quais pudermos Viver como athe agora Viverão nossos Pays. |

f. 179

f. 179v

Mas não cuide Vossa Alteza que consistem só na abundancia de pão as excellencias desta provincia porque a grandesa de Fez e de Marrocos e das outras cidades de Mauritania, e o grande numero de mercadores que Lá andão dessas Respublicas Livres de Italia, mostram bem a grande riqueza da terra que estes são os argumentos por onde se collige o poder e a riqueza das Provincias dos muitos mercadores porque estes não correm senão donde se pode tirar muito proveito da grandeza e frequência das cidades porque muita gente se não pode ajuntar em hum Lugar senão com grande abundância da terra principalmente quando lhe não ha-de vir nada de fora; da magnificencia dos edefficios que mostram a polecia e riqueza dos moradores e finalmente da potência e riqueza dos Reys que conforme a terra que possuem tem a grandeza. Não Virão os Vossos Portuguezes em todo esse oriente cidades tam populozas nem de tanta polecia e Mâgestade como são Fez e Marrocos. os Reys de Berberia são | {São} senhores de grandes rendas e inextimaveis thezouros as admiraveis fabricas de seos Alcaçeres e Mesquitas não as tem iguais, O Mundo que parecem querer imitar as maravilhas antigas de que tanto escreverão os Authores; os Alcaydes e nobres são riquissimos tem grandes cazas muitos cavallos ricamente ajaezados Vestem-se de ouro e de seda, rica he logo

f. 180

a terra que tam ricos faz seos moradores. E se os Alarves do campo não mostram tanta polecia e riqueza, não he da terra ser pobre, senão de serem gente rustica e do campo que nas mais florentes Provincias do mundo tem sempre grande differença dos cidadãos, e senão Vede-o no Vosso Portugal e quanto differem os Beirões e ratinhos dos outros Portuguezes que habitão em Lisboa e nas demais cidades, pello que destes Lavradores e gente do campo se não pode collegir a riqueza das Provincias.

f. 180v

Mas digão-me já os da parte contrária que Reys tem a India em comparação | destes? ou que cidades populozas? que abundância de terras que com esta se possa comparar? Deixemos os do certão porque destes nem nós sabemos delles com clara notícia, nem Lá podem chegar nossas conquistas, como os mesmos da parte contrária affirmão. Esse Samorim Emperador do Malavar com que cá nos assombrão que tem de Rey mais que o nome? que passos? que rendas? que fausto tem? Todos os seos thezouros se rezolvem em quatro aneis de robins e he tam pobre que elle mesmo anda rogando os mercadores mouros que Venhão despachar no seu porto de Calecut pello proveito dos direitos que dahi lhe hão-de vir. As suas Cortes são mais choupanas e Aldeas juntas que Cidades, as cazas feitas de páos cubertas de folhas de arvores. A terra tam infrutífera que não dá aos naturaes, nem com que se mantenhão, nem com que se vistão e não me digão que andão nós por amor do ardor das calmas, que não he se não de pura pobreza; porque os Mouros ricos que na terra nascem e ha muitos annos são nella moradores | andão vestidos ao seu modo, e da mesma maneira os Portuguezes, e nem por isso os offendem mais os rayos do Sol, e do mesmo modo se não Vem fartos das hervas do campo de que sustentão todo o anno porque nem carne, nem pão algum se colhe na terra de que se possão manter. Mas porque não cuidem que só isto passa nos Povos do Malavar, Venhamos às melhores Praças do Oriente começando do Estreito da Pérsia athe o mar da China, e em todas estas Provincias não acharemos cidade que possa ter o nome de grande nem exceda notavelmente as outras, senão Malaca, a qual pôs debaixo de Vosso Senhorio o Governador Affonço de Albuquerque; com mais justa cauza pode ser que Ormuz, nem Goa, que também isto se ha-de considerar na conquista a justiça da cauza e não sey eu se a justiça que tinhamos para tomar Calecut por o seu Rey nos tolher o comércio contra o direito natural e das gentes no-lo deu para tirar Goa e Ormuz aos Reys que a possuíão que nos não tolherão comércio nenhum. Porem homens | deve ter Vossa Alteza em Vosso Conselho de Letras e con ciencia que devem de saber isto bem, somente digo que na conquista de Africa não temos duvida da cauza ser justa e tantas guerras que por essa India se fazem Deos sabe as causas e respeitos porque Vossos cappitães as fazem. Mas tornando a Malaca, quero que tenha a grandeza que della apregoão, e Ormuz do mesmo modo. porem sendo estas as mayores e melhores cidades do Oriente, nem na grandeza nem na polecia se podem

f. 181

f. 181v

f. 182 comparar com Fez nem Marrocos: e posto que são ricas não tem comparação com estoutras assim por ellas as excederem nesta parte como pella qualidade das riquezas ser nestas natural, e em Malaca e Ormuz fantástica, e de que se não pode fazer cabedal nenhum. Porque tudo quanto tem he mercadoria de fora e de seu não tem mais Ormuz que ser hum areal escaldado dos Ventos e falto de todas as couzas necessarias à Vida humana, athe a ágoa para a gente beber lhe trazem de fora em barcos e Malaca do mesmo modo não dá | mais que figos e duriões; e tudo o mais lhe trazem pello mar de carreto que o sertão da terra he dezerto habitado de tigres. São todavia citios accomodados para o comercio de todas aquellas Provincias do Oriente porém o dia que lhe faltão ou o mudarem a outra parte acabarão de todo o ponto. E se não vejão qual ficou Ormuz quando o Guasil Raix Xarafo fez com El Rey Torunxa que despovoassem a cidade sendo cappitão della Dom Garcia Coutinho no tempo de Diogo Lopes de Sequeira e se passarão os Mouros a Viver na Ilha de Queixome: Que aproveitava então ter e sustentar Ormuz se os Mouros persistirão em sua oppinião? e que trabalho custou aos da Fortaleza a ágoa que havião de beber, sendo assim que não estavam cercados e a Ilha estava toda por sua; e do mesmo modo esteve já Malaca por muitas Vezes sem comercio nem mercadorias por as armadas de El Rey de Bintão e Viantana lhe prohibirem hir as embarcações a seu porto, e as Levarem a descarregar às suas cidades: o que não pode acon- | {acon}tecer no povo que de sy tem a riqueza e não lhe Vem de fora. Pello que não tem comparação nenhuma destas Praças da India por mais oppulentas que sejam, com as verdadeiras riquezas de Africa que não dependem do que de fora lhe ha-de Vir porque as tem sempre de seu.

f. 182v

f. 183 Estas são as qualidades das riquezas da India e quanto às drogas que são as mercadorias naturaes da terra, que se colhem no Malavar, Ceilas (*sic*) e nas Malucas, posto que este seja o mais conhecido proveito que desta conquista tira Vossa Alteza, não tem comparação com o ouro e mais riquezas que se podem tirar de Africa, pondo-se na conquista della o cabedal que se mette na da India e se athe agora não vimos ainda isto na Berberia por experiencia, foi porque no melhor tempo da conquista de Africa se começaram a dividir nossas forças para a India. E quando os Vossos cappitães andavam com as armas victoriosas passeando os Reynos de Berberia sem achar rezistencia nenhuma no campo e pregando | por muitas vezes as Lanças nas portas de Marrocos mandava El Rey Vosso Pay para a India os soldados que havião de acabar de Vencer as poucas forças que ja nos Mouros havia. De modo que no tempo em que a coroa destes Reynos estava ja pera colher o fruto dos trabalhos que athe aquelle tempo tinha passado naquella conquista então os deixou perder; e esta he a cauza porque resultão hoje mais as couzas da India que as de Africa, porque de Africa deixamos perder os frutos quando ja os tinhamos quazi por nossos, e pello contrario achando nos a india dezarmada e os Povos pella paz e delicias debilitados, foi facil couza tomar-lhe tudo o que

f. 183v tinhão e ficardes senhor de poderdes só vender as drogas aos Povos de Europa. Pello que temos colhido da India tudo quanto de sy pode dar e portanto nos parecem grandes os proveitos della porque todos os Vemos e os de Africa não os estimamos porque ainda os não colhemos por a India nos tirar as forças com que os haviamos acabar de alcançar. e com-tudo destas riquezas que da India nos tem Vindo | (que tanto alguns engrandecem), não sey ainda Vassalo vosso algum que com ellas fizesse caza para seos filhos e nem os dos Governadores que Lá governarão estão por isso mais medrados nem ricos; o que não aconteceu aos que povoarão e governarão as Vossas Ilhas, onde muitas famílias nobres ficarão illustres e com grandes cazas e rendas, e a razão he porque as riquezas de lá são permanentes, como digo, e naturaes da terra, e a inda (*sic*) não tem de seu mais que as drogas em que elles não podem tratar por Vossa Alteza com justa cauza ter tomado o ganho dellas para a coroa deste Reyno. Pello que não lhe fica outro comercio mais que o dos pannos de algodão, sedas, aljofres, perfumes e outras couzas desta callidade, que sendo de pouca importancia para os enriquecer a elles são de prejuizo grandissimo a este Reyno, Lançando a perder os bons costumes antigos e introduzindo outros affiminados pera perdição total de toda a republica. Que couza se traz da India, que não seja ruyna da parcimónia e corrupção | da natureza humana? De que nos servem as especiarias senão de appetites e incitamentos da gulla e de nos incurtar miseravelmente as Vidas? a Variedade e delicadeza de tantos generos de manjares que se hoje uzão donde os aprendemos nós ou donde vierão a Portugal? senão da India? Pois que direi dos vestidos delicados? da molecia de dormir nos catres? das pedras? das perolas? e de outros infinitos generos de deleites e de delicias semelhantes com que vemos os mancebos de agora andarem adornados? sendo couzas que athe às mulheres se devião de prohibir, como antigamente erão prohibidas entre os Romanos, quando as matronas daquella republica desejando no ornato de suas pessoas mostrar mais sua Vaydade cercarão as cazas dos Brutos porque não querião deixar revogar a ley per que isto se prohibia. E com muita razão, porque todas estas couzas não servem de mais que de iscas da concupiscencia. Pois quam perjudiciais são os cheiros aos bons costumes digão-no os Poetas gregos que fingião não se apertar Venus de nenhum | {de nenhum} lugar onde não deixasse particular fragancia. Porque conforme aos naturaes e Philosophos nenhuma couza incita mais a vida delicioza que os cheiros e perfumes, e assim chama Virgilio mollex aos sabeos pellos muitos cheiros que naquella Província se crião e de que os naturaes uzão, e esta he huma das principais causas que dá hum nobre Romano para Anibal e os seos se effeminarem em Capua.

f. 184

f. 184v

Mal he este tamanho que as riquezas da India trazem consigo que ainda que forão grandissimas somente por esta cauza houveramos de fugir dellas. Porque este he o mayor inimigo que tem as republicas grandes e de que devem haver mais medo que de nenhum outro; Leão-se as his-

f. 185 torias antigas e veção quem cauzou a Ruyna dos Imperios do Mundo senão as delicias de Asia? Que tais estavam com ellas os Babilónios quando Arbacto passou o Império a Medina e do mesmo modo os Medos quando Cyro Rey de Persia | lhe tirou a Monarchia? E qual foi a cauza por que se perdeo Dario, senão a molicia com que os do seu exército estavam ornados de perolas joyas e sedas, quando pellejou com Alexandre. Quem destruhio Roma senão as delicias de Asia, com que os Romanos ficarão tam debilitados que forão preza de todos os Povos de Europa? e se este Imperio durou em sua grandesa desde o tempo de Augusto athe o de Theodosio, não foi pello vallor dos Romanos, senão pello dos Emperadores e cappitães estrangeiros que nelle entrarão: como Trajano que era Espanhol, Antonio Frances, Severo Africano, Claudio Dalmata, Aureliano de Dinamarca, Diocleciano de Dalmacia e Theodosio Espanhol; e o mesmo se pode dizer daquelles cappitães que forão valerosos: como Stelicão, Ulino e Eccio, que forão Vandalos, Castino Sitta, Bonifacio de Tracia e Rictimiro que Venceo a Biurgo Rey dos Alanos, Godo; Donde se vê claramente que o esforço do Romano era ja de todo acabado pellos vicios e que assim se não podia sustentar sem ajuda de | {de} Estrangeiros; e era tal o estado em que as delicias os tinham posto, que sendo Roma cidade que podia pôr em campo quatrocentos e sincoenta mil homens de espada, não podião resistir a huns poucos de soldados das Cohortes Pretorianas que tinham fora dos muros.

f. 185v Não houve nunca Provincias que menos resistencia tivesse contra o poder Estrangeiro que a India e as mais que de suas delicias participão. Deixemos historias antigas, Veja-sse com quanta facilidade destruhio o Gram Turco ao Soldão do Egipto, Senhor de Cayro que athe agora teve o trato das especearias, com quam pouco trabalho e quasi sem arrancar espada, lançou fora o Soldão de Babilonia, e quantas Vezes tem entrado na Persia assolando tudo, sem achar resistencia no campo nem nas cidades athe tomar a cidade de Tauris cabeça daquelle Imperio. Donde procedeo isto tudo, se não da fraqueza em que os tem posto as delicias indianas que fasem que estando estes Reys em suas terras com muito mayor | {mayor} numero de gente e ventagens de citios, e providos de todo o necessario, não ouzão esperar o Inimigo em campo, ou quando o fazem perdem totalmente o Reyno? Pois a entrada dos Mogores em cambaya com tam pouca resistencia dos Guzarates a que se pode attribuir senão a isto? e finalmente o dominio que os Mouros tem por quasi todas as costas da India mostra isto mais claramente, pois sendo mercadores e sem Exercitos nem Armadas se senhorearão de quasi todos os portos de mar daquellas partes pella fraqueza em que as delicias tem posto aos naturaes da terra. Mas em pouco tempo se vingou a India delles tornando-os tam fracos como os mesmos naturaes; Pello que mais podemos dizer que se defende a India pellos mimos com que trata aos vencedores que não pela resistencia que lhe faz pellas armas. E ainda mal porque vemos isto tanto por nossas casas e com tam pouca esperança de reme-

f. 186v dio que se nos Deos não val por sua mizericordia não poderá deixar de haver grande mudança nas couzas; porque nós não somos de | {de} outra maça differente do que forão as outras nasções, a quem Asia perverteo. Isto não temos nós em Africa porque sempre nella haverá em que exercitar a milicia e nobreza deste Reyno e nunca de Africa sahirão os homens delicados senão mais Valentes e esforçados, e os Portuguezes que conquistarão a India em Africa se criarão, e como se estes acabarem não poderá tardar muito vermos o fruto que a India dá de sy.

f. 187 Porém estão tão Levados Vossos concelheiros das riquezas e proveito que dizem nos vem da Conquista da India que não advertem nestas cousas tanto para considerar, nem menos attentão nas outras quallidades que hão-de ter as Conquistas mais que o comércio, e assim desprezão a de Africa porque não vem Logo de presente o proveito que desejão, não considerando que na conquista pera | [se] ser boa ha-de haver dous proveitos: Hum principal e da primeira intenção da conquista que he a segurança do Estado proprio com | {com} a sogeição do outro vesinho; e outro accidental e que secundariamente se requiere que são os tributos e mercancias que da Provincia conquistada se tirão, e a rasão disto he porque sem o primeiro não podemos Lograr com quietação o próprio estado o que no segundo se não segue. Sendo pois isto assim, não sei em que Juizo cabe ser pouco proveitoza a conquista de Africa e podermos tirar proveito da conquista da India; pois estamos com os Inimigos à porta que cada dia nos assaltão a terra, e da India estamos sinco mil e tantas Legoa. Vemos os moradores do Algarve com rebates continuos andarem sempre com as armas nas mãos e captivarem-nos dentro em suas casas e he bem que deixemos os Mouros de Africa que temos em casa, e que os vamos guerrear na Persia, na Cambaya no Malavar, nas Malucas, que nem de nome nos conhecem e que nos vamos fazer seos fronteiros? se estando nós com tantos portos e Fortalezas na Costa de Africa fazem isto, que farão quando a virem de todo Livre? Este he o verdadeiro proveito, Livrar | Vossa Alteza os vossos vassallos de tam poderozos Inimigos e tam vizinhos e isto he o que vos convem fazer que ninguem vos possa offender no vosso Reyno, e toda a mais conquista que se fizer antes desta acabada he fora de tempo o (*sic*) de pouca dura e se não perguntem-no a esses que Lem as historias dos Gregos e Romanos e dos outros que tiverão as Monarchias, antes delles se vierão os de Babilónia conquistar a Italia ou as Provincias que confinavão com elles? E se Xerxes quando passou o Helesponto para entrar em Europa por ventura deixava os Inimigos nas costas? Tinha por certo ja quazi toda a Asia debaixo de seu Imperio e então lhe pareceo entrar nestoutra parte do Mundo pera a conquistar. O mesmo fez Alexandre quando destruhio o Imperio dos Persas, o qual despois que deixou todas as forças de Grecia domadas que erão naquelle tempo as mayores de Europa então passou a outra conquista. Os Romanos não puzerão exercito fora de Italia senão despois que se virão senhores della e a primeira coLonia que sahio pera | {pera} fora da Provincia foi

a de Carthago em Africa porque sempre se temerão da vezinhança desta Provincia que em tanto risco teve posta a sua Republica. Pois se os Romanos mandarão destruhir Carthago pellos figos frescos que Catão tinha colhido nella havia tres dias que faremos nós que não em tres dias mas em tres horas nos podem entrar estes Inimigos pellas portas?

f. 188v Digo Senhor que não sei como ha homens de entendimento que tal aconselhem. Tantos annos ha que vimos os Mouros fora de Hispanha? e tam bons forão de deitar fora della? e tam poucos são em numero que não temamos que nos possam vir cometer outra vez com outro Conde Dom Julião ou sem elle? Porventura foi esta somente a vez que os moradores de Africa entrarão em Hespanha? ou não vemos os Livros cheios do grande domínio que os Carthagineses nella tiverão, e depois no tempo dos Romanos das muitas veses que os da Mauritania vierão roubar esta Provincia, e ultimamente depois dos mesmos mouros cá entrarem, quantas vezes passarão os Arabes de Africa e sujugarão os Tiranos que lá se tinham alevantado com o senhorio dos Mouros de Espanha? | E quantas vezes passarão cá os Almoravides, Almohades, e benemarines, pondo o senhorio dos Reys Christãos de Hespanha em grande risco de se perder totalmente se não fora soccorrido com evidentes milagres do Ceo? Hora se os Reys vossos antepassados arreceosos deste perigo, por livrarem a Patria de tão cruel sogeição e captiveiro e movidos da oportunidade da empresa, tomarão com tam grandes gastos e à custa de tanto sangue nobre estes Lugares, como será agora razão que os deixemos? he dar sinal de grande inconstancia de animo deixar a empresa cujos alicerces estão já fundados ha tanto tempo e quando a tinhamos mais avante que nunca. Medo hey Senhor que se isto succede (o que Deos não permita) que ainda venha a custar muito caõ a este Reyno. Porque como a conquista desta Provincia he tam conveniente a este Reyno e tanto mais facil que a da India, não succederá Rey em Portugal que entendendo a verdade do que aqui digo, não queira emprender outra vez a conquista de Berberia e pode ser que fação então muita falta estas Praças que agora quer Vossa Alteza deixar, ou | {Ou} pello menos custem muito trabalho a recobrar, e o peyor he que a falta dellas faça cometer o negocio com evidentes riscos e perigos, o que agora não tem e succeda alguma desaventura com que tenhamos sempre que chorar e deixar estas Fortalezas aos Mouros.

f. 189

Visto fica claramente o engano da parte contraria pellas razões referidas em dizerem que de Africa não podemos tirar algum proveito e demonstrado com tanta evidencia o contrario. Os mais fundamentos que contra esta conquista se allegão são de pouca concideração e que a experiência nos tem ja mostrado ao Revez do que disem, principalmente que a Conquista de Africa se não pode fazer senão com assistencia de pessoa real, e visto o gasto e perigo que ha em os Reys deste Reyno passarem em pessoa em Berberia, fica sendo de muito prejuizo para este Reyno esta conquista. Mas isto como digo a mesma experiéncia o tem demonstrado ao contrario. Porque as melhores couzas que em Africa athe |

f. 189v {athe} agora se fizerão e as empresas que nella tiverão mayores augmentos forão todas começadas e acabadas por cappitães particulares das nossas cidades e fortalezas; e os dezastres mayores que nesta conquista tivemos forão em companhia das pessoas reaes que alem passarão. Pessoas reaes erão o Infante Dom Henrique e Dom Fernando, os quaes partirão deste Reyno com quatorze mil homens com toda a Nobresa delle a tomar Tangere e depois de cercarem a cidade e a combaterem trinta e oito dias, sem fazerem couza de concideração, forão cercados dos Mouros que vierão a soccorro e constringidos a deixarem a terra com bem trabalhozas condições, e por arrefens dellas ficou o Infante Dom Fernando, o qual julgou depois que melhor era morrer elle no captiveiro que cumprir-se aos Mouros o que lhe tinhamo prometido. Pessoa real era o Infante Dom Fernando Irmão de El Rey Dom Affonço o quinto e quando pertendeo de noite escalar Tangere perdeo dusetos Portuguezes, e lhe ca- | {e lhe ca}ptivarão trezentos que forão todos os que tinhamo entrado dentro na cidade em que entrarão muitos fidalgos e esforçados cavalleiros e o Infante correo grande risco. E pessoa real era o mesmo Rey Dom Affonço e quando foy correr a Serra de Benacafu se vio em tal aperto que não podendo ja sustentar os Mouros na retirada encomendou sua gente ao Conde Dom Duarte de Meneses o qual foi necessario que perdesse a vida para El Rey ter tempo de se recolher e ainda assim o fez com muito perigo e trabalho. E estas foram as mayores perdas que tivemos em Africa. E não houve mayores gastos na coroa deste Reyno que os que se fizerão na tomada de Cepta por El Rey Dom João o primeiro e os que fez El Rey Dom Affonço o quinto na de Alcacer e Arzilla e nas outras vezes que Lá passou. Pello que não convem ao bem destes Reynos que os Reys em pessoa passem a esta conquista, pois pellos capitaes particulares se fas com menos perigo e menos gasto e com muyto mayor effeito. | E não vem isto das pessoas reaes darem menos animo a seos vassallos com sua presença, antes pello contrario; como todos dezejem de se mostrar mais vallerosos diante dos seos Reys procurão cometer couzas mais temerarias que prudentes, onde muitas vezes acabão pella temeridade com que as comettem. E como todos querem contentar ao Rey e fallar-lhe à vontade ficão muitas vezes sospeitosos concelheiros nas couzas que lhe aconselhão por serem mais conforme ao desejo e appetite que nos Reys sentem que não ao que na verdade entendem.

f. 190

f. 190v

E alem disto passando pessoa real a Africa se ajuntão todas as forças dos Mouros, que como são muitos e estando precatados para resistir ficão sendo muito defficultozos de vencer, e as cidades que nossos Reys tomarão se não fora a Grande presteza com que se assaltarão por serem maritimas e toma-las de improvizo fora muito mais defficultoza a empresa; O que he tudo pello contrario nos cap- | {nos cap}pitães particulares. Porque como f. 191 não tenhamo os cavalleiros e fidalgos diante de quem fação excessos, não passão os termos da perfeita valentia e assim comettem as couzas com prudéncia e maduro conselho, por não haver alguem a quem queiram Lizongear;

e como os Mouros se não precatem delles, fiquão-nas tomando sempre de sobresalto e assim succedem muito bem as couzas. Alem disto na multidão da gente, quando não he bem disciplinada, mais está a perdição que a victoria e nos exercitos dos Reys como he necessario ser o numero grande, Vai sempre muita gente, assim nobre como plebea inutil e pera pouco por ser bizonha e nunca ter Visto guerra, os quaes são muitas vezes de grande impedimento aos bons soldados pellos erros que fazem na melicia. O que não succede nas empresas particulares dos cappitães de Africa porque Levão sempre gente exercitada consigo e costumada a pellejar com os Mouros e assim ficão com estas Ventagens aos Princepes, que todas são de grandissima importancia. E os gastos serem | muito mayores nas passagens dos Reys se vê claro assim pello muito que o Rey faz para se aballar para hum tal empreza, como tambem porque todos os Cortezãos com a presença de El Rey procurão levar para suas pessoas muitas couzas Louçans e superfluas, que são mais para Corte de Damas que para guerra; as quaes cousas todas se evittão nas Jornadas particulares que se fasem, onde cada hum pretende Levar o que mais lhe releva e os gastos que fas são todos em couzas necessarias pera a guerra.

f. 191v

Pello que sem assistencia de pessoa real pode e deve se feita esta conquista, principalmente quando Vemos que Dom Pedro de Menezes primeiro Marquez de Villa Real com a gente ordinaria de Cepta tomou Tituão cidade fortissima e a destruhio; e o mesmo fez a Benamede, Bisantes, Galadeu e ao Castello de Agia, Lugares muito grandes e cheyos de gente, e fez tributarios a esta coroa muito povos daquella comarca, e seu filho Dom Fernando | Com a gente daquellas Fronteiras assolou a cidade de Targa e a Villa de Camiçem posta nas mais altas serras da costa de Berberia. Diogo de Azambuja com dusesentos homens e sette ou oito navios que o ajudarão tomou a cidade de Cafim, e o Duque de Bragança Dom Gemes entrou em Azamor sem nenhuma resistencia e a pudera tomar com muito menos gente, pois só com o medo dos nossos cappitães se entregou voluntariamente a El Rey Dom João segundo e lhe pagava grandes pareas <;> Dom João de Menezes cappitão de Arzilla, com seis caravellas entrou Larache e lhe queimou muitas embarcações no porto; Dom João Coutinho destruhio Aljubilia fortissima por citio e por os Mouros da Serra do Farrovo tam nomeados que a deffendião; Dom Francisco de Castro com a gente do Cabo de Ager tomou o Turoquiquo villa muito grande e rica. Pois as cousas de Nuno Fernandes de Tayde não ha para que fazer memoria dellas pois todos as Vimos e sabemos que com settecentas Lanças pôs debaixo de vosso senhorio quazi | {quazi} todo o Reyno de Marrocos e teve as forças dos Mouros tam tomadas que quando chegava a assaltar alguma cidade mais trabalho tinha em ter mão nos Mouros que lhe não fugissem que não em os desbaratar, e tal medo lhe tinhão os moradores da cidade de Marrocos que a tiverão meya despejada e com pouco poder mais que tivera a houvera de tomar. Pello que os vossos cappitães com a gente que la tiverem bastão para fazer estas empre-

f. 192

f. 192v

zas e acabarem a conquista, e assim não he necessario o que dizem os da parte contraria que se não pode fazer sem assistencia de pessoa real.

Menos inconveniente he o que se aponta do gram poder dos xarifes que hoje são Reys de Marrocos e Sus: porque ainda que hoje estejam feitos grandes senhores, bem sabem como cortão as espadas dos Portugueses e quantas vezes os tem posto em fogida. Pello que Senhor não he este o poder que nos ha-de tirar o senhorio de Africa. Dentro em Marrocos estavam ambos os xarifes com grande multidão de gentes que pre- | {pre}goando a Gazua tinhão contra os Christãos alevantada e hum Alcayde de El Rey de Fez com muitos de cavallo, quando Nuno Fernandes e D. Pedro de Sousa cappitão de Azamor com quinhentas Lanças nossas e cem arcabuzeiros e alguns dos Mouros de pazes forão correr esta famosa cidade (cujos moradores somente podem pôr hum grande exército em campo) e sahindo todos ao rebate, posto que a grande multidão dos Mouros fizesse retirar algum tanto o pequeno numero dos nossos, comtudo voltarão despois sobre elles de maneira que desbaratados os Xarifes e o cappitão de El Rey de Fez, os fizerão recolher na cidade fogindo. Assaz poderozos estavam elles com muitos povos que ja os seguião na cidade de Tendest, determinando de fazer della a cabeça do seu Senhorio, e em ella como Rey asestia seu Pay quando Nuno Fernandes com quatrocentos de cavallo e alguns Mouros de Cide Abentafut foi sobre elles para lhe tomar a cidade e sahindo-lhe ao encontro os xarifes com todo o seu poder lhe derão os nossos batalha com que os desbaratarão e se salvarão fogindo a unha de cavallo e lhe tomarão | a cidade com hum riquissimo despojo. E outra vez estando o Xarife Molei Hamet que despois foi Rey de Marrocos na cidade de Amagor lha tomou o adail Loppo Barriga com pouco mais de duzentos de cavallo e alguns mouros de pases, tendo o Xerife muita e boa gente, a qual despois de huma boa escaramuça se pôz toda em fugida. E os nossos se com a cobiça do despojo não se detiverão em roubar a cidade aquelle dia, fora sem duvida prezo o Xarife como elle ainda hoje confessa.

f. 193

f. 193v

Despois querendo-se os xarifes refazer destas perdas vierão com muita gente correr os Aduares dos Mouros Vossos Vassalos pello que foi Loppo Barriga em seu socorro, o qual ajuntando-se com elles deu batalha aos xarifes, em a qual forão desbaratados e os mais de seus xeques e Alcaydes mortos e o xarife mais velho Abdelquibir escapou muito mal ferido, o qual veyo despois morrer às mãos dos nossos em outro recontro que comnosco teve. Do mesmo modo El Rey de Marrocos foi desbaratado por Vezes assim dos Mouros Vossos vassalos | como de Nuno Fernandes que com quinhentos de cavallo lhe assaltou huma antemanhã hum grande exercito que trasia para cercar Cafim, o qual pôz em desbarato de tal maneira que esteve El Rey em perigo de ser preso e lhe foi necessario acolher-se em hum cavallo em osso. E também o primeiro Marquez de Villa Real Dom Pedro e Dom Duarte de Menezes e Dom João de Menezes cappitão de Arzila desbaratarão por muitas vezes os Alcaydes de El Rey

f. 194

de Fez com quasi todo o poder daquelle Reyno. Pello que não ha nesta Provincia forças com que nós não possamos. Nem nos pode dezanimar a perda do Cabo de Aguer, porque mais foi tomada a Villa pello desastre que aconteceu na polvora, com que cahio grande parte do muro, que não pella multidão nem vallor dos Mouros que com bem pouca esperança de a ganhar a tinham cercado como outra vez fizeram; e sobretudo a falta do soccorro podemos attribuir a perda total desta Villa. E assim não podemos tirar exemplo deste successo, nem por elle ter em muito o poder dos Mouros.

f. 194v Quanto mais que em Africa he tanta a mudança | das cousas pella pouca fee que se os moradores guardão huns aos outros que nunca poderia haver nella grande força dos naturaes que dure muito tempo e assim andarão sempre e andão ainda agora em guerras civis, e morrendo hum Rey ordinariamente se levantão huns irmãos contra os outros e como capitães inimigos se mattão huns aos outros. E deixando exemplos antigos bem o vemos nestes xarifes que começando de tam pouco a inconstancia dos Mouros os tem feitos Reys de Marrocos e Sús. Porem fasendo a sua pouca Lealdade seu officio tiverão tantas discordias os dous irmãos que chegarão a vir este anno a batalha campal, em que o Xarife menor Rey do Sús prendeo ao Irmão mais velho Rey de Marrocos. E bem sabe Vossa Alteza como ao presente estão todos os captivos de Marrocos com os ferros fora pela embaxada que cá quer mandar Muley Cidão filho mais velho do Xarife mayor em que pede a Vossa Alteza soccorro de sette ou outo mil homens Arcabuseiros para hir libertar seu Pay e borrar fora o Tio de todo o Reyno de Tarudante e de Sús fazendo a Vossa Alteza todos os partidos que se | {que se} podem dezejar. Daqui poderá Vossa Alteza collegir o pouco poder dos Mouros pois com tam poucos Portugueses espera Muley Cidão que he bem pratico e entendido nas cousas de Africa conquistar tantos Reynos. Pello que não temos que temor as forças de nenhum Principe de Berberia, antes conservando nós estes Lugares e esperando conjunção acharemos muitas como esta em que assim estes como seos filhos nos fação Senhores de Marrocos sem arrancarmos espada e abrindo-nos elles mesmos as portas como nos aconteceu em Cafim e Azamor e em todas as suas Comarcas.

f. 195 Outra defficultade apontão os da parte contraria, quasi como esta, dizendo: que dado que com o bom successo e com todas as forças deste Reyno entrassemos em Marrocos e fez, nem por isso os podiamos sustentar muito tempo, por serem cidades muito mediterraneas e povos grandes Longe de receber soccorro, digo Longe de poder receber soccorro, cercados de Inimigos de todas as partes; De maneira que fora impossivel couza conservar-se senão com muita mais gente do que | {do que} este Reyno tem e que seria necessário despejar todo o Reyno, pera hir povoar em parte e segurar esta conquista, ficando a patria deserta e sem gente, que he o mayor mal que pode acontecer em huma republica. Mas prouvera a Deos que vira eu as couzas de Africa tanto avante e as forças deste

Reyno tam empregadas nella que não houvera mais defficultade que buscarmos os meyoys que para conservação do ganhado se requerem. Porque pellas qualidades da gente da terra e vizinhança da Provincia são tantos e com tanto proveito nosso que quasi impossivel fora perdermos este senhorio se huma vez o alcançassemos. Porque a principal que ha para a conservação dos Estados conquistados he estarem vnidos e perto do soccorro, sem haver no meyo Principe que o impida nem perigo que o estorve. E o poder deunido que está Longe de poder ajudar he impossivel poder sustentar-se muito tempo, como foi o dominio que os Phenices e os Gregos tiverão por todas as prayas do mar mediterraneo que nem com as terem povoadas quasi todas de colonias se poderão conservar; E a conquista da | {da} terra sancta de Palestina se perdeo por falta de soccorro porque estando tam distante com grande defficultade podião Lá hir os Princeses christãos posto que tivessem o mar por seu e todos pretendessem soccorre-la; e pello contrario todas as conquistas que se fizeram nas Provincias confinantes durarão muito tempo e tiveram sempre grandes augmentos como tenho ditto que forão as dos Persas Gregos e Romanos e ultimamente a dos Arabes que começando em Arabia chegaram com seu Império a Vngria e tem o melhor de Africa, não deixando no meyo nenhuma Provincia que conquistar. Pello que se lhes foi tam facil couza apoderarem-se de Hespanha pella vizinhança de Africa que os ajudava e com os soccorros della sustentarem-na perto de oitocentos annos, como receamos que nos não succeda o mesmo a nós, pois temos as mesmas occasiões que elles tinham? e se nunca o poder deunido foi de muita dura, como achão os Vossos concelheiros que mais fácil nos he a conservação de Goa que a de Marrocos, como se tanto distára huma como outra de Lisboa? |

f. 196v Mas parece devem de entender que são as Provincias que nós na India temos conquistadas tam poderosas que ellas por sy bastão a se defender sem esperarem soccorro de ninguem. Assim será, porem eu não sei outros Tittulos que à coroa destes Reynos se acrescentassem com a conquista da India senão chamar-se Vossa Alteza Rey dos comercios, contratações e navegações. E não me parece a my que os Reynos se defendem do poder dos Inimigos comprando e Vendendo pelo que não será muito se venha a cumprir huma Prophecia que Lá dizem os Mouros, que nós Vencemos a India como cavalleiros e que a havemos de perder como Mercadores. Oh Juisos de homens! que lhes parece que he mais facil conservar a India sinco mil Leguas distante de nós que Africa que a temos à porta. Confinamos Lá com Reys pouco poderosos? Não temos o Turco em Baçora? e em Sués donde pode mandar infinitas galés e Armadas à India a que seja impossivel resistir? Não era Ormús do Sofi da Persia e não está à vista de terra firma que lhe custará toma-la, se hum dia o quizer fazer? pois a contractação que | {que} temos pellas outras partes da India, quem tolhe a qualquer nasção do mundo que no-La não tire? Pode-sse porventura prohibir o andar pello mar como pella terra? ou se forem às Mallucas

- f. 197v podemos-lho nós deffender de Goa? Hum Estado tam dezunido cada membro por sy tam fraco, com tam Poderozos Princepes por Vezinhos, quem o pode julgar por seguro? Imaginemos que Vem huma Armada do Turco ou de Cambaya, ou de qualquer outra nação, e cercão goa por mar, como se poderão defender as outras Fortalezas se neste tempo forem acometidas? e Goa donde lhe ha-de vir o soccorro para se conservar? Não de nenhuma de nossas Fortalezas, porque nenhuma dellas tem gente sufficiente para se sustentar se não for ajudada de Goa, quanto mais para dar soccorro a ninguem; Não dos Reys amigos, porque nehum temos Lá que o seja, se não he o de Cochim, cujas forças são mui pequenas e não bastão para se defender a ssy; Pello que certo he não ter outro soccorro mais perto que o que lhe houver de hir deste Reyno; para o que | he necessario que mande aviso do aperto em que fica, o qual pera chegar cá, há-de passar pellas tempestades do mar Occeano e do Cabo de boa Esperança e a não se perder e vir com muito boa Viagem ha-de gastar no caminho seis meses e pondo-se cá todo o aviamento e pressa em se ordenar armada bastante para vencer ao Inimigo, parte dahi e outros tantos mezes e passando por infinitos perigos chega o socorro a Goa hum anno e meyo depois do cerco, onde já não poderá haver cercados e quando os houver bem se pode considerar que taes estarão? Mas os do soccorro lhe podem faser pouca Ventagem porque de maravilha chegam Lá todas as naos que de cá partem porque de ordinario humas se perdem outras arribão, outras invernao em Moçambique, e as que lá chegam vão já tam faltas de gente ou com ella tam mal tratada do mar que mais parecem enfermarias e hospitais de doentes que não armada de soldados. |
- f. 198 Esta he a facilidade com que se ha-de defender a India e esta é a segurança daquelle Estado em que tanto fundamento fazemos, que vos aconselhão que estimão o de Africa por mais perigoso, estando tam perto de nós que em hum dia podemos soccorrer todas as Fortalezas da costa e as de dentro (quando as tivéssemos) com pouca mais tardança? E quanto aos perigos que no caminho podia haver de resistencia dos Mouros que querião oppor-se e prohibir o soccorro ha muitos mezos para se deminuir esta defficultade e se senhorear totalmente dos vassallos conquistados. E posto que muitos se offerecem, apontarei somente tres com que poderemos possuir a terra Livre de toda a rebellião e Levantamento:
- f. 198v O primeiro he deminuindo as forças aos Mouros, o que he couza muito facil porque como todas ellas consistão na cavallaria e a pee valhão mui pouco na guerra, tirando-| {tirando}-lhe os cavallos ficarão inhabeis para se levantar; e he de tanta efficacia este remedio que com elle somente se conserva o Turco, senhor de todos os Christãos de Grecia que deste modo ficarão tam debilitados que nunca mais se puderão alevantar e recuperar a Liberdade ainda que por veses o procurarão. Alem disto temos nós tanta Ventagem nas armas de fogo aos Mouros que fazendo nós que lhe não Venhão de fora porque se não Lavrão na terra fica sendo impossivel fazerem couza de effeito posto que se rebellem;

- f. 199 O segundo remedio he o dos prezidios nos Lugares mais fortes das cidades com os quaes se sustentão grandes povos como se experimentou sempre e o Vimos no Reyno de Napoles onde se sustentarão muitas vezes pello sertão do Reyno muitas cidades com grande facilidade. Pello que mais facil será conservarem-se em Africa, porque não tendo os Mouros peças de | {de} Artelharia nem os mais petrechos necessarios com que as possão cercar e combater e não podendo conservar exercito senão por dous ou tres mezes ao mais, nunca poderão sahir bem de nenhuma empresa que cometerem e são de tanta força os presidios que os Romanos com huma Legião que tinham repartida pellos da Mauritania sustentarão sempre estas Provincias tam quietas que forão das Ultimas que perdeo o Imperio;
- f. 199v O terceiro Remedio he o de se metter colonias nas suas cidades com que podemos conservar tudo porque estando nós senhores dos povos cercados, o estamos tambem dos campos e seguros de todo o impeto e Levantamento que fizerem os mouros, e tendo nós occupado com estas Colonias oz Portos e passos por onde hajam de passar os soccorros ficamos sempre tomando os Mouros no meyo quando os quizerem prohibir.
- f. 200 E nem se pode dizer contra isto que por | {por} se tirem estas Colonias do Reyno se fica elle despovoando, antes se bem conciderarmos se fica com isto grandemente acrescentando o numero dos Portugueses porque assim como as plantas não podem crescer se as não tirão do Viveiro em que as semearão, do mesmo modo tirando-se a gente superflua deste Reyno e que nelle não tem modo de vida e dando-lhe perto da Patria cidades que habitem e campos que Lavrem, se nos ficão acrescentando novas cidades e novas gentes; e quando forem necessarias mais colonias do que este Reyno pode à boa mente dar, não faltão gentes catholicas em Italia e França e Flandres, que nos Venhão ajudar a conquistar e povoar esta Provincia, querendo-nos ajudar delles, como sempre costumarão os Romanos, os Macedonios e os Carthagineses, vallendo-se dos Povos seos Confederados para suas conquistas por huma só nasção não poder abranger hum grande empresa. E disto ainda neste Reyno e no de Castella temos muitos | exemplos, como na tomada de Lisboa aonde os Estrangeiros tiverão muita parte na Victoria e habitando muitos delles na terra ficarão Logrando o Gallardão de seos Sirviços, e na tomada de Sevilha aconteceo o mesmo a El Rey Dom Fernando o Santo de Castella, pello que não será para nós este remedio novo nem poderemos delle arrecear perigo algum.
- f. 200v Porem quanto nos são de proveito estas colonias de Portugueses em Africa, tanto nos são de perjuizo na India, porque as colonias não são muito vteis à Patria se as Levão a terras remotas donde se não pode dellas receber soccorro nem ajuda. Pello que ja he necessario que tenha a gente deste Reyno alguma evasão pellos grandes perigos que recressem de se ajuntar muita gente occiosa em huma Republica (como os mesmos da parte contraria affirmão) qual he melhor <?> hir povoar esta gente hum Provincia muito perto da nossa e que parte com ella, onde | {Onde}

cada dia os podemos soccorrer e donde do mesmo modo podem elles accodir a qualquer trabalho deste Reyno, ou hir povoar outra que está daqui sinco mil Leguas impossibilitada athe podermos dar os socorros necessarios a tempo que aproveitem e muito mais impossibilitada para nos Valler em qualquer afronta e trabalho que este Reyno padecer? razão he esta a que parece não pode haver reposta. Porventura quando El Rey de Fez cercou as vossas cidades e fortalezas de Africa, quem erão os primeiros Portugueses que chegavão a soccorrer estas forças? Erão porventura os de Goa, Cochim e Malaca, ou os das Ilhas da Madeira, Colonia nossa perto de casa, os quaes sustentarão nestes Lugares muitos homens de cavallo e de pee à sua custa e a elles se deve muita parte do que ja possuímos em Africa e do que ainda hoje temos? E se algum dia este Reyno padecer algum trabalho (de que Deos o Livre) não ha-de ter outro Refugio nem socorro, senão essas Ilhas que temos | perto de nos por esse mar. Pello que não pode ser para este Reyno cousa de mayor prejuizo que as Colonias da India, assim porque perdemos todos os socorros que daquelles Portugueses pudemos receber estando perto da Patria, como por serem La necessarias muitas mais Colonias que em Africa pella grande distancia e grandesa das Provincias que emprendemos senhorear; com o que será necessario despovoar-se o Reyno e despedirmos de nós não somente a gente que nos sobeja senão ainda o que nos he totalmente necessaria pera a cultivação dos campos e defenção da Patria.

Mas não sei que diga, nem a que atribua isto senão a nossos peccados que sendo este damno tam evidente não somente vemos carregar cada anno tantas naos para a India cheas de gente senão que ainda novamente se nos despeja meyo Reyno para hir povoar a terra Santa Cruz Provincia tamanha que esgotará de gente a mayor de toda a Europa. Não sei que os possa mover a faser esta jornada senão he o bom gazalhado que achão na gente da terra, que comem a quantos lhe vem às mãos. Se buscão campos fertéis, aonde os ha melhores que nos Reynos de Fez e de Marrocos? se terras que dão a Súcar e algodão, Em Tarudante ha muito, e haverá muito mais se se lhe applicar alguma industria nossa. Pois que he isto logo se não peccados nossos como digo que nos fazem Largar o facil e buscar o defficultozo, Longe da Patria fora do socorro, dezunindo as forças deste Reyno e debilitando-o de modo que fique sem gente impossibilitado a resistir a qualquer força que o cometer, e elles expostos nas prayas de mares estranhos a todas as incursões dos Piratas e Inimigos do mar e da terra que os quizerem roubar e destruir?

Porem a tudo isto dizem os da parte contraria que as conquistas se não fazem com intenção de socorrer a Patria dellas. Verdade he | isto nos principios das conquistas mas não depois que o poder Vay crescendo cada dia mais, athe que extingue o poder contrario de todo e bem se Vio isto no mesmo senhorio que os Mouros tiverão em Hespanha, onde depois de pacificos mandarão grandes armadas em favor de todas as empresas que os Arabes fizerão no mar mediterraneo e El Rey de gra-

nada pretendeo recuperar Cepta, quando El Rey Dom João o primeiro a tomou e a mandou cercar mui estreitamente não havendo por então nenhum senhor de Africa que pudesse fazer outro tanto, e nas historias Romanas Lemos Largamente os grandes exercitos que os Carthagineses tirarão de Hespanha contra os Romanos; e os socorros que os filhos de Pompeyo e mattadores de Cezar acharão nas Provincias do Imperio com que por vezes procurarão recuperar a Liberdade de sua Republica. Pello que ainda que nos principios das conquistas não seja possivel haver socorro dellas, comtudo em pouco tempo crecem tanto as Colonias e se reduzem tanto estes Vasallos aos Vencedores que igualmente com elles trabalham para conservação da Patria comum.

Por todos estes meyo nos fica Logo facil a conservação do que ganharmos em Africa e pello consequente nos fica mais facil a conquista do que temos pellas Costas da Guiné e Ethiopia, porque quanto mais crescer nosso poder em Berberia tanto podem ter mayores socorros e mais apressados e a tempo e poderão entrar pella terra dentro com mais gente e senhorear-se da multidão de minas de ouro e de prata, de que aquelles Reynos estão cheyos. O que tudo Largando-se esta empresa de Africa e empregando-nos na India se perderá totalmente como o tempo mostrará depressa, Largando-se estas forças, sendo o ouro da mina a couza mais importante que este Reyno tem athe agora alcançado.

Parece-me que tenho respondido a todas as defficultades que no principio disse se oppunhão a | esta empresa pello que Visto de quam pouca importancia sejam todas, não ha razão para que Vossa Alteza deixe de se fazer o mais poderoso Rey do Mundo e a seos Vassallos senhores de grandissimas riquezas conquistando esta Provincia. Porque se temos hoje por gram senhor a El Rey de França por possuir huma Provincia tamanha e tam abundante e se achamos a Italia rica, com quanta Ventagem lhe ficará Vossa Altesa com o Senhorio de Africa que na grandeza tem por muito mais que França e Italia e na fertilidade da terra passa muito avante a ambas; porque tudo quanto dão as Provincias de Europa produz com grande perfeição e cria outras couzas em sy que Europa não dá. Em Africa podem crescer infinitamente Vossas rendas, com os tributos dos Povos e multidão delles, e podeis herdar grandemente a Vossos Vassallos nos campos, nas villas e nos Lugares, honrando-os e acrecentando Vosso Estado com novos Tittulos de Duques, Condes e Marquezes, de Grandes povos | que lhe podereis dar Largamente. Pois de que Vassallos depois de conquistados Vos podereis melhor servir que dos de Africa, que no Entendimento, no animo, e nas forças, não cedem a nenhuns de Europa? E bem se vê nos Nobres que ficarão no Reyno de Granada, no valor e fidelidade com que tem servido aos Reys de Castella, onde os não differença em alguma couza dos outros cavalleiros illustres della. Deixo já o grande serviço que se faria à Igreja Catholica em tornar a reduzir esta Provincia a nossa Santa Fee (onde antigamente houve mais de trezentos Bispados e se celebrarão tantos concilios) para que della tornasse a sahir

f. 204 os Tertulianos, Cyprianos, Fulgencios, Arnóbios, Augustinhos, e outros Lumes semelhantes nas Letras Sagradas, como estes forão. ALEM de tudo isto ficaria Vossa Alteza e este seu Reyno alcançando huma imortal gloria pois recuperavão a honra que Espanha perdeo com estar oitocentos annos debaixo da sogeição de Africa e acabariamos de todo a hon-|{a hon}ra que Fez e Marrocos hoje possuem com as insignias e despojos de nossos templos que ainda tem pendurados em suas Mesquitas por trophes de Suas Victorias e injuria perpetua nossa.

Havendo tantas razões, Logo por nossa parte não parece que é de concideração o que Ultimamente os contrarios apontão dos grandes gastos que de presente Vossa Alteza faz em sustentar estas Praças pois daqui nos pode Vir tanto proveito quanto mais que não há muitos annos que as pareas que pagavão os da Provincia de Duquela em Cafim com o que rendem as Alfandegas da mesma cidade e as pescarias do Rio de Azamor, com as continuas presas que se havião nas cavalgadas as sustentavão Largamente e sobejava ainda muito para a Coroa deste Reyno; e a culpa de se isto perder tem-na os que fizerão pouco caso desta conquista. Pello que conhecendo agora Vossa Alteza quanto ella importa a este Reyno e empregando nella as forças convenientes tornará a seu Estado Antigo e ao mais que della dezejamos.

XIV

1543, após Março. s. l. *Numa posição assumida em Almeirim divergente da anterior (doc. XIII), o Autor anónimo deste parecer, não sem um olhar crítico a aspectos do comportamento social e procurando explicar fenómenos como o do necessário escoamento de uma população crescente, valoriza o comércio e rendimentos da Índia e justifica a sua conquista. Salieta a necessidade desta para segurança do comércio e as facilidades da sua execução em confronto com as dificuldades sentidas em África.*

Lisboa, Biblioteca da Ajuda, Códice 51-VI-35, ff. 204v-218v. Cópia não publicada¹⁴.

f. 205 Tratando El Rey Dom João o Segundo se devia no descobrimento da Costa de Africa hir por diante athe chegar à India, não faltarão pessoas no seu Concelho que forão de parecer bastava o que estava descoberto e seria damno a esta Coroa querer com tam arriscadas navegações descobrir a India <;> outros forão de parecer contrario, dando razões que ao seu grande entendimento parecerão melhor. Depois descuberto por seu mandado o Cabo tormentozo a que elle pôz o nome de boa esperança, pella grande que dava do descobrimento da India, chegarão os seos athe quasi Sofala. Por cuja morte succedendo El Rey Dom Manoel vosso Pay se allegarão as mesmas razões no Conselho de ambas as partes ponderando todas com seu raro juizo, seguio as que moverão ao Infante Dom Henrique | a começar este descobrimento e a El Rey Dom João para o continuar o que so he bastante para mais se não duvidar ser a empreza com toda a boa razão cometida ainda que os fellices successos della tenham trazido alguns damnos, nascidos não do descobrimento e conquista senão das desordens das pessoas das quaes Vossa Alteza confia seu Serviço. E porque se veja com quam bom fundamento os Reys Vossos antecessores seguirão o descobrimento começado pello Infante Dom Henrique, e El Rey Vosso Pay tomou as três principaes escallas de todo o Oriente, porei as razões que os da parte contraria allegavão, que são quazi as mesmas que hoje em conselho a Vossa Alteza se propuzerão, e brevemente responderei a ellas apontando quanto menos ellas agora merecem ser ouvidas.

f. 205v Forão duas principaes as quaes conthem em sy todas as que se trazem. Huma consiste na defficultade, assim da navegação como da conquista, porque tantos mares desconhecidos naquelle tempo mettião medo aos que se punhão | diante dos olhos a sua grandeza com a furia das tormentas e perigos das Ilhas e baixos nunca vistos nem ouvidos; Os Reys da India que mal sofrerião tomarem-se os seos Lugares e sobretudo o poder e nome do Soldão de Babilonia. A segunda rasão se fundava no pouco proveito que deste decobrimento e conquista se esperava, e no muito que de Africa nossa Vezinha se podia tirar, se com todas as forças se conquistasse: ajuntando às delicias Indianas poderem affiminar os ani-

¹⁴ Vide nota anterior.

mos Varonis dos Portuguezes, e com a cobiça das riquezas da Asia despovoar-se o Reyno de Lavradores.

A defficultade da navegação tem o tempo mostrado que se podia Vencer e que não servio de mais que de aguçar animos esforçados, nem se deve cuidar que entendimentos tam excellentes se arremessassem às cegas sem terem muitas informações de homens doutos e conjecturas bastantes para navegando terra a terra descobrissem a Volta que a rredondeza da | {da} terra e mar faz para o Oriente, escriptas dos Geografos e dos Poetas com suas fábulas de Hercules, de Theseo, de Peritho o que forão destas partes ao Inferno significando o descobrimento que dos Antipodas fizerão. A tudo isto ajudava muito a navegação das Naos de Salamão tam praticada em os Pulpetos e tam sabbida dos Reys e Princepes Christãos, as quaes em hir e vir gastavão três annos com muito proveito seu.

Quando com tres Navios se quizera conquistar Calecut fora desatino mui grande mas com elles descuberto o Cabo de Boa Esperança e as prayas da terra do Natal, parecia impossivel não se dar com o bem povoado daquelle Oriente, cellebrado por todos e cobiçado pellas drogas e pedras preciosas que os Venezianos trazião a estes Reynos. As conquistas grandes raramente se cometem de frecha (como dizem) salvo quando por defenção nossa obrigados da necessidade as fazemos, como El Rey Dom João primeiro a de Cepta | e os Romanos fiserão a de Carthago <,> nascem ellas sempre de alguma caüza que em parte tira defficultades dellas, com esperança de bom successo como fizerão os Romanos às suas soccorrendo a amigos e confederados seos poderosos ou desagrandando-se de inimigos com terem primeiro nas mesmas Provincias amizades importantes. De maneira que nunca a conquista era tal que elles sós a tivessem à sua conta e a cometessem sem muita esperança de lhe succeder bem a empreza.

Sendo justo o comércio dos vassallos de vossa Alteza em Calecut a tiranya do Samorim o desfêz com morte de alguns dando occasião de justa guerra recolherão-se os nossos a Cochim aonde foram amparados do Rey com a mayor verdade e animo, que nunca Athenas, Lacedomonias e Roma virão. Tam justa guerra com o favor de hum Rey vizinho do Inimigo que duvidaria de a cometer? Verdadeiramente Senhor, que o Vassallo que persuadissem | o contrario, podia ser sido (*sic*) por pouco Leal e Inimigo de seos naturaes. Deste principio da Vossa Conquista vera Vossa Alteza como se enganarão os que a El Rey Vosso Pay aconselharão que deixasse o começado descobrimento da India, pondo-lhe diante os Reys daquellas partes não considerando que sendo elles muitos, terião menos forças e mais discórdias, o que tudo vinha a ser em favor dos vossos na Guerra de Calecut. O descobrimento da India se fes para termos o comércio o qual porque se nos impedio contra o direito natural e das gentes, foi necessário uzarmos as armas em nossa defenção offendendo aos Inimigos. De maneira que o principal fim da conquista foi e deve ser naquellas partes a segurança do comercio com que a conquista fica muito mais facil;

porque segurando-nos dos Inimigos seremos bem vistos, com nome de esforçados, e trafegando as mercadorias nos portos dos Inimigos seremos pello interesse delles bem recebidos e dos vezinhos desejados, assim que ficaremos tendo quazi todos os portos abertos. |

f. 207v

Os acontecimentos e assaltos de Timoja derão justa cauza de Goa se tomar ao Sabayo para o comercio das partes do Norte e Sul seguramente se faser com proveito comum de todas aquellas nasções. Ormus e Malaca com a mesma facilidade rasão e esforço se tomarão. O Sabayo senhor pequeno o citio de Goa rodeado de agoa com qua a nossa Armada podia navegar e impedir o soccorro do Idalcão. Os Reys de Ormuz e Malaca também de pouco poder, e as cidades quasi em Ilhas, dando Lugar aos nossos de as vencer a fome e assaltos; governando-se a conquista pello comercio. So destas escallas tinhamos necessidade, e os senhores do sertão ganhavão em suas rendas muito podendo vender e comprar mais mercadorias do que dantes faziam, por as nossas Armadas trazerem a seos portos as Naos dos mercadores, e não consentirem que passassem aos dos Inimigos. Esta facilidade na conquista mostrou o tempo quando deu occasião de conquistarmos | o que sem ella não fizemos.

f. 208

A cobiça, enveja e medo do poder de Vossa Alteza moverão a alguns Reys daquellas partes trabalharem de Lançar dellas aos Portuguezes, o que athe agora não puderão alcançar. E para este Estado se conservar quando Vossa Alteza for servido direi o que me parecer ser necessario. e tornando à rezão a que respondia, não somente representava aos Reys da India, senão o poder de SoLdão de Babilonia o qual ainda que poderoso por terra, pello mar não trazia armadas, huma só fes à instancia dos Mouros de Calecut e pellas quebras grandes que fazia, digo que sentia em sua fasenda, Tendo os Portuguezes do tempo de El Rey Dom Affonso o quarto e muito antes exercicio de Armadas athe este tempo. Nem se deve querer nas Conquistas tal segurança que não deixe Lugar ao esforço essa he a differença da conquista e mercancia, porque esta só attende ao util e aquella à Honra, glória e proveyto. |

f. 208v

A segunda rasão em que os do parecer contrario a este meu se fundão he o muito que de Africa imaginão e o pouco que dizem recebermos da India. Certo senhor que me espanto haver no Vosso Concelho a quem ainda pareça que pella defficultade da Conquista da India e pouco proveito que della cresce a vossa fasenda deveis de Larga-lla com as esperanças das riquezas de Africa, não se allebrando que no principio a defficultade da conquista da India só na navegação se via, e a de Africa muitas veses a sentirão. E ao presente ella não he menor diminuindo-se esta muito, com as Armadas, Fortalezas e amizades de Reys e senhores que vossa Alteza no Oriente tem. Passou em Africa El Rey Dom João de Boa memoria, tomou Cepta com que se assegurou a costa de Hespanha dos corsários, que a corrião sem mais tratar de alguma Conquista Africana, conhecendo o pouco que della se podia esperar e o muito que devia custar. Depois dos Infantes Dom Henrique e

- f. 209 Dom Fernando seos filhos, com desejo | de honra houverão por importunações Licença de El Rey Dom Duarte para se passarem a Cepta e daLy com a gente e Armada Portugueza tomar Tangere: era a empresa tam deficultosa que ordenando-sse quatorze mil homens para esta jornada acharam-se em Cepta seis mil, por serem os oito mil com medo acolhidos. Bem mostrou o dezastrado fim que tiverão e o muito cuidado com que os Mouros acodirão à defficultdade grandissima da Conquista de Africa. Com o mesmo desejo El Rey Dom Afonso, tendo os annos atraz aceitado a cruzada contra o Turco, passou com cento e des vellas, tomou Alcacer com tanto custo de sua fasenda que os Povos nas Cortes que depois se fizerão lhe derão de serviço cento e sincoenta mil dobras para remediar suas dividas, pedindo-lhe não quizesse perder os bens de sua Coroa e os particulares dos seos povos com empresas desnecessarias. O Infante Dom Fernando seu Irmão cometteo Tangere com triste successo. El Rey logo em pessoa correo aquelles campos | e sem effeito algum de proveito ou honra se tornou a Portugal tomou depois Arzilla com trinta mil Homens e Infinitos navios que armou, entrou em Tangere, que estava despejada, Lugares maritimos que não servião mais que de recolhimento de corsarios. Estavão neste tempo inteiras as forças destes Reynos e todas ellas se empregavão na tomada destes Lugares para segurança da Costa do Algarve, e de Andaluzia, sem conquistarem em tantos annos alguma parte do Reyno de Fez ou de Marrocos. Se os Reys em pessoa e os Infantes não puderão fazer mais, diremos que he facil a conquista de Africa? Desejos de termos Fez e Marrocos tam cheyas de gente tam afastadas do mar rodeadas de Infinitos Mouros e Alarabes, Inimigos nossos por natureza, fazem estes sonhos de conquista facil; se elles chamão conquistã de Africa tomar estes Lugares maritimos que desejamos Largar, confesso que não he mui arriscada, mas tal que tem necessidade de presença de pessoas Reaes com | {Com} todas as forças do Reyno, que na India nunca foi necessário. Se eu senhor aconselhara que a Vossa gente marchara de Goa a conquistar o Idalcão, com razão fora reprehendido, mas sendo Vossa Alteza senhor do mar e tendo favor de amigos tomar Lugares junto ao mar necessarios para o Vosso Comércio e Segurança dos Vossos Vassallos quem haverá que vo-lo não aconselhe? Por grande que a defficultdade seja o proveito faz parecer pequena. Se o que a vossa fazenda recebe de proveito destes Lugares fora tanto que alem dos gastos nelles ordinarios ficarão a vossa Alteza muitos contos escusara aos que disem ser facil a conquista de Africa a conta do excessivo proveito. Mas vemos que em tempo de El Rey Dom Affonço que os tomou lhe não importavão cousa alguma e a El Rey Dom João o segundo pagava Azamor cem mil saves e em tempo de El Rey Vosso Pay os aduares que a elle se sogeitarão o trigo e cevada que pagavão custava muito de sua fazenda e muitos trabalhos e mortes de seos vassallos. | O que tudo poderá Vossa Alteza ver pellas contas e Livros de vossa fazenda.
- f. 209v
- f. 210
- f. 210v

- Pello proveito da India direi primeiro o que El Rey vosso Pay respondeo nas Cortes que fez em Lisboa aos Povos quando lhe pedirão que alevantasse as cizas escuzando-sse por não serem ellas de seu particular proveito e todas se consumirem em tenças e cazamentos de seos naturaes de maneira que todas ellas inteiramente tornavão ao Lugar donde sahião: As riquezas que aos Vassallos enriqueessem são as que os Reys devem trabalhar de conservar e ter. Das Fortalesas e rendas da India a mayor parte da Nobreza destes Reynos se mantem e com ellas remedeão nobremente seos filhos e filhas que não vemos faser das de Africa. Lancem conta do que os cappitães de Ormus, Malaca e Sofala tirão e cotejem com o que importão todos os Lugares de Africa, verão claramente quanto excede o proveito de vossa fazenda e a de vossos vassallos recebem da conquista da India ao todo que a elles vem de Africa | Vejão se nas vossas Alfandegas se as rendas dellas se acrescentarão com o trato de Africa se com o da India? O gasto ordinário das Armadas da India se faz com o que ella rende. Seja Vossa Alteza Arismetico Verá o muito que a India rende e porá cobro no muito que se lhe perde. Os officiaes de Vossa Alteza na India e em Portugal são todos merecedores de honras e merces muito mais o forão se de Vossa fazenda forão tam amigos como da sua. Alembro a Vossa Altesa que Loppo Vaz de Sampayo deixou na India cento e trinta e seis Vellas, entre Nãos, galeões, Galés e fustas de peleja, e pagou tresentos mil cruzados de Soldo nesse pouco tempo que foi Governador. Do que bem se collige que a India não falta com dinheiro ao vosso servisso e que a ella faltão Vossos officiaes com o zello e cuidado que devem a vosso serviço. Passou El Rey Dom Affonço duas vezes como ja nottey, com vinte e tantos mil homens e cento e dez vellas, tomou Alcacer, Arzilla e Tangere. Coteje-sse o custo destas | {destas} Armadas com as rendas e com o custo ordinario destes Lugares ver-se-ha quem fica a dever, o mesmo se faça das Armadas que vão deste Reyno comunmente para a India de trezentos athe quinhentos homens com o retorno dellas, verão a differença que ha de huma cousa a outra. Digo senhor que só Vossa Alteza depois que teve a India pode dar novecentas mil dobras de Ouro a Infanta Donna Izabel vossa Irmãa em dotte afora o custo de sua recamara e o dotte e arraz da Raynha Donna Leonor molher de El Rey vosso Pay, conthia que nunca Rey de Portugal nem de Castella em dinheiro fez. He o proveito da India tam justo que me parece desnecessario tratar delle mais, ainda que entenda que delle se diminua muito com perigo das vidas e honras de vossos vassallos pello modo que em se aparelharem as vossas armadas se tem o que não he culpa da India.
- f. 211
- f. 211v
- f. 212
- O que se allega das delicias Asianas algũa mostra e apparencia tem de razão, mas tudo | se remedeia facilmente com os Reys não uzarem dellas, de maneira que primeiro percão o esforço e animo varonil. Ninguem teve mais riquezas nem delicias Asianas que os Persas, a grandesa do seu Imperio sabemos que se conservou infindos annos contra Gregos, Romanos e Ultimamente contra Turcos, tendo gloriozas victorias destas nasções

Imperiosas. Não consiste o damno nas drogas no beijoim e Almiscar; sem estes mimos a fertilidade de Capua no Reyno de Napoles quebrantou muito as forças de Anibal. Os Godos em Hespanha sem India se affeminarão de maneira que não puderão em suas proprias terras sendo Monarchas de Hespanha resistir a Tarif que de Africa com alguns Alarabes passou a Hespanha. Nem digão a Vossa Alteza que delicias Asianas forão causa de se perder a Republica Romana porque só a sua grandeza com a ambição dos seus naturaes por juisos occultos de Deos a poderão extinguir: Na batalha Pharsalica os Cappitães e Soldados erão Romanos, huns | {huns} aos outros se consumirão foi vencedor Cesar que era Romano; foi vencido Pompeyo que tambem era da mesma nação. Pergunto a quem affeminarão as delicias Asianas, não a Cesar que foi vencedor nem por certo a Pompeyo que deixou de ser vencedor, só por não querer que tam grande numero de seos naturaes percesse por tirar dos corações de alguns Romanos principaes que o acompanhavão a oppinião que delle tinham, que só por ser venerado delles dillatava a batalha, tendo tam certa a victoria e a essa conta o chamavão Agamenon e Rey dos Reys e assim deu fora de tempo e contra seu parecer a batalha e não foi muito perde-lla. Depois o Império quantas centenas de annos durou na continua successão de Emperadores, sem as delicias Asianas o abaterem nem deminuirem? Outra muy diferente foi a cauza deste Imperio Ultimamente se perder.

O que allegão do Reyno se despovoar de Lavradores he contra elles porque se lhes parece bem a conquista de Africa onde esperão levar gente | assim para a conquistar, povoar, Lavrar e assegurar? El Rey Dom Affonso com tanta gente como dixeu tomou Alcacer, que Logo foi cercada, estando elle em Cepta sem a poder socorrer vindo de Cepta em pessoa à vista daquella Villa tomou Arzilla e Tangere, com outro mayor numero de gente; quanta mais gente lhe fora necessaria para de Tangere marchar por terras Inimigas, mettendo-sse no meyo de Mouros e Alarabes gente numerosissima Longe do mar sem Reys no sertão amigos, nem outra comodidade alguma; com tirar tantos mil homens de Portugal não se despovoa e com hirem tam poucos para a India se despovoa? Parece senhor ser isto mais paixão ou pouca conta que fãsem da grandesa de Africa da guardião necessaria para guarda de Fez ou Marrocos e dos seos campos sem tratar das batalhas e doencas que necessariamente gastão gente. Só a passagem em Africa dos Infantes gastou mais gente do que athe agora a India consumio. Se as riquezas Asianas Levão tam longe aos vossos naturaes, porque os bens de Africa | que tanto engrandecem, com a facilidade que dizem, com tam breve passagem não despovoa Portugal? Sentimos os que a India tem em sy porque os vemos e não os que Africa houvera de consumir porque só com o entendimento julgamos os que foi deos servido conservar para mayor serviço seu e vosso. Quizerão os vándalos conquistar Africa deixarão suas casas passarão todos com suas familias desamparando Espanha, parece que o mesmo querem que façamos os que tanto persuadem a passagem de Africa aonde nem os Vándalos

se puderão conservar, nem os Romanos deixar de ser vencidos pelos Arabes que agora a possuem. Sendo tudo isto tão sabido continuar tanto esta porfiada passagem à conquista de Africa parece que nasce de alguns peccados meos e de outros Portugueses para algum grande castigo nosso, a que Vossa Alteza com sua grande christandade e juizo excellente acudirá.

f. 214 Não posso negar que passa grande numero de Portugueses à India principalmente da gente | {da gente} nobre que mal sofrem verem-se diferentes de Seos Avós por Vossa Alteza não poder remedear tantos, nem a terra em que nascerão os poder sustentar. Peço a Vossa Alteza seja servido mandar a estes que allegão as Historias Gregas e Romanas e com ellas assombrão aos que não sabemos mais que o Portuguez de nossas Mães digão se he verdade o que se conta das Colonias que de Grecia passarão à Italia, Cecilia e Espanha, callando as que foram a Asia; se he tambem verdade o que se diz dos Phenices e dos Romanos que quasi povoarão a Hespanha e grande parte do mundo. São evasões estas necessarias em certos tempos a todas as nações que em paz Viverão por alguns annos, as quaes não se perderão por este respeito, mas antes se conservarão e acrescentarão seos Reynos e perpetuarão a fama de seos nomes; em tudo me parece muito bem Lançar conta ao que temos com o que determinamos fazer. Descobrir a India com bem pouca gente se fez assegurar o contrato com mais, porque devia-sse alcançar esta segurança com a espada. Se como f. 214v tendo ditto a Conquista se segurara | pello bem do comercio, não se gastara tanto número de gente, a qual não se ocupa em conquistar senão em povoar as prayas dos Reys nossos amigos, desordem que nasceo da paz que nas mais daquellas partes temos e do descuido dos Menistros de Vossa Alteza no Governo daquelle Estado como na satisfação de serviços de Soldados Velhos que por falta de valia mal pagos e pobres vivem fora de Vossas Fortalezas à sombra dos Reys amigos com o seu trato. Esta desordem he a causa principal da necessidade que algumas veses parece que a India tem de se mandar deste Reyno todos os annos gente, alem de outras cousas que passo por não querer parecer que pretendo caluniar pessoas de vosso serviço. Conquista para povoar he muy diferente da conquista para comercio porque com aquella se despovoa a própria pátria e se cultiva terra estranha, com esta se enriquece e se conserva a patria à custa da Estranha; esta diferença não entenderão os que de Malaca athe ormus consentirão que os Portugueses vivessem como entre Douro e Minho e os que Vossa Altesa aconselharão contra o que | {O que} digo, do modo fallão na conquista que deixão o comércio e tratão do mal que pode vir a estes Reynos de se a India povoar de Portugueses sendo muy diferente consideração de ambas as conquistas por ser a primeira Livre a toda a redea e a segunda Limitada pela razão e comodidade do comercio.

Mas Senhor que farei que disem que o Reyno se despovoa ao cheiro da canella e que dos naturaes vassallos vossos vivendo em partes tam remotas vos não podeis servir nestes Reynos? Folgara Senhor de saber destes Conselheiros, sendo caso que em tantos annos nenhum Portuguez pas-

sara a India que modo e remedio de vida derão a tam grande multidão de gente. Se nos offerecem a conquista de Africa claramente tenho (se me não engano) mostrado quanto mayor damno della nos nasceria. Se com natural affeição lhes parecer bem que todos vivessemos juntos cada hum com o que lhe coubesse das partilhas de nossos Avós, Alembra-
-lhe-hey que a pobreza os não poderia sustentar e serem tantos e tam pobres forçadamente os faria salteadores sediciozos e mal compostos no serviço de seu Rey. Não allegarei com historias es- | {Es} tranhas, trarei só as que pude ouvir no Lar a meos Avós em Portuguez. Depois das fomes e entradas dos Mouros em Portugal sendo Rey Dom Sancho o primeiro Reynando seu filho Dom Affonso em paz, sentio este Reyno grandes trovões e desavenças entre os seos povos e a pessoa de El Rey e de suas Irmãs, e forão ellas taes que achando-sse todos os Reys e Grandes de Hespanha na batalha das Navas, so El Rey Dom Affonso e os Portugueses faltarão, o que pode ser não acontecera se não forão tantos os Portugueses em casa e se empregarão em qualquer empresa glorioza. no Governo de Dom Sancho filho deste Dom Affonso todos sabemos como as estradas andavão cheas de gente armada com pouco respeito de seu Rey e com muitos deserviços a sua Coroa. Dom Affonso 3.º teve pas (que era seu Irmão) e creceo este Reyno com a elle se juntar o de Algarve. Soccedeo Dom Denis seu filho, em cujo tempo me espantão os insultos as mortes crueis os cometimentos que os Portugueses huns contra outros fizerão; e as desavenças entre El Rey e o Principe Dom Affonso, armado Pay e filho e vassalos contra seu Rey. Este Dom Affonso quarto teve tambem trabalhos, deixo de traser à memoria | a Lide do Porto e de Gouvea entre particulares e outras de que o conde Dom Pedro filho de El Rey Dom Dinis faz menção e as que tiverão os de Coimbra com os de Penella sem alguma reverencia ou medo de seu Rey e Senhor. Estes são os bens que traser consigo criar homens em Reyno tam estreito e amontoa-
-llos. Daqui veyo ser muito mais defficultozo governar huma Republica tendo Summa paz que tendo com os Estrangeiros guerra, e assim virão nossos Avós que de El Rey Dom João o primeiro athe Dom João o segundo cessarão estes malles porque se occuparão os Portugueses com as Guerras de Castella e Africa. No tempo de El Rey Dom João o Segundo com a pas de Castella começarão a apparecer sinaes de males muy grandes, os quaes com seu animo e esforço atalhou, e empregando os Portugueses em algumas partes de Africa e no descobrimento de Suas prayas deixou a El Rey Vosso Pay o Reyno pacifico que elle e Vossa Alteza com empresas gloriozas em quietação e grandissima | obediencia athe agora conservarão e se em cabeça alhea do que a outros acontece devemos aprender e antever o que nos pode succeder porque não teremos por certo que as cousas que em Portugal succederão quando os Portuguezes não emprendião comercios novos e conquistas sem duvida se a India nos não occupara tambem succederião. A nasção he a mesma a natureza e a causa que tantas vezes trouxe males a Portugal quem duvida que agora fisera

os mesmos effeitos? De tudo isto fasem pouco cazo com dizerem que teria Vossa Alteza mais gente não querendo ver que a mais gente alem de empobrecer a terra faz os damnos que disse e que tantas vezes Portugal experimentou. As Respublicas e os Reynos não se augmentão nem se conservão com terem mais gente senão com gente bem descplinada para obrarem como convem e rica para não serem necessitados a cometerem insultos e sufficiente para cultivarem a terra e a deffenderem. a disciplina com a India não se perdeo mas antes em todos os exercitos do mar se acrescentou, A riqueza claramente se vê quam avantajada he, gente não falta para a terra se cultivar perguntem-no a todo Entre Douro e Minho, Tras os Montes, Beira e Estremadura. | De Entre Douro e Minho saiem esquadrões de homens e molheres para servirem sem deixarem hum palmo que pareça dará fruto sem ser cultivada. Trás dos Montes depois da India descuberta, o mesmo digo da Beira e da Estremadura com o seu dinheiro se cultivou differentemente do que de antes era como vi. o Algarve começa a ter pão e o Campo de Ourique acode as suas necessidades. Alentejo cultiva-sse como de antes e de serem as herdades grandes que he o seu mal, não tem a India Culpa como não teve nos Latefundos de Italia dos quaes dizia hum Romano Nobre que elles a Lançarão a perder. Per outros respeitos e rasões entendo será a terra alguns annos adiante não tam bem cultivada, porque com o tempo crescerá o que com Santo zello começou de maneira que Levará apoz sy os mais dos Lavradores abastados. Gente para nos deffendermos não falta pois como dantes, agora sahem as armas bem providas della e as cidades e villas depois de termos a India notavelmente crescerão, corrao-se as comarcas e vaja-sse o que hoje as villas e Lugares tem de vesinhos e coteje-sse com os que tinhão antes do descobrimento e conquista da India ver-se-ha que nos não falta gente. Do crescimento de Lisboa todos | sabemos, pois crescendo os Povos como pode faltar gente? Faltará a verdade dos homens, o zello dos Menistros e sobejará a grangearia em grandes e pequenos que todos os bens no Reyno desbarata. Os membros da Republica como os do Corpo differentemente se ajudão huns aos outros; o Lavrador com sua agricultura dá pão, o tratante com o comércio dá as cousas necessarias que não temos, o soldado com a espada nos defende, assim as terras humas com o trigo, outras com aseite e carnes ajudão a sustentar-nos. A India muí distante he de Portugal e ainda que o mar e navegação fazem ambas estas partes serem continuas, sem haver entre ellas senhorios alheyos nem de Inimigos em qualquer trabalho que tivermos não poderemos esperar della soccorro nem he necessario poderem-se estes Estados com presteza soccorrerem-se para ser boa a Conquista, porque as conquistas nunca se fizerão para dellas se terem nas necessidades soccorro de gente. Fora grande desatino de Principe passar com vinte mil homens a Africa para ganhando parte della poder valer-se dos Africanos vencidos e Inimigos como que estes lhe devão ser de mais proveito que os seos naturaes nem dos soldados que nella deixar porque com menos custo e mais proveito os poderá ter consigo. |

f. 217

f. 217v

